

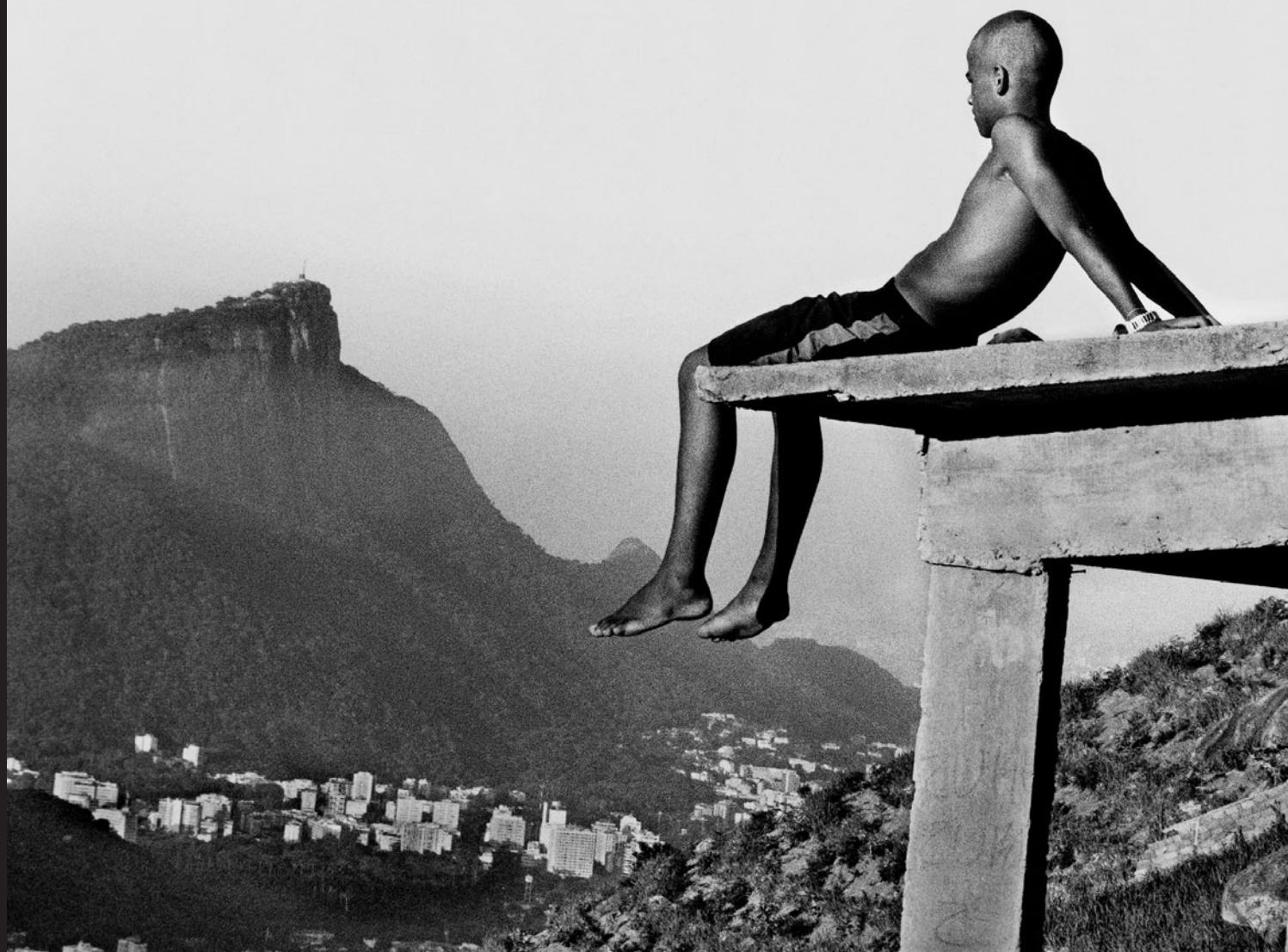
OXIGÊNIO

MAIO 2024



NÚMERO 57

RIO: DESEJO DE UMA CIDADE



EDITORIAL

O Rio de Janeiro continua lindo, como bem diz Gilberto Gil em *“Aquele Abraço”*.

E o Rio de Janeiro também continua sendo!

Cidade Maravilhosa, cidade com as mazelas de todas as metrópoles, berço do samba, do pôr do sol no Arpoador, de gente de todas as cores, idiomas e sotaques. Do Brasil e do mundo.

De Santa Cruz à Central do Brasil; do Leme ao Pontal, não tem nada igual.

E a Casa Roberto Marinho conta a história desta cidade a partir do dia 11 de maio, através de fotografias e pinturas que narram as complexidades e a diversidade cultural da capital fluminense nos últimos 120 anos.

A exposição inédita *“Rio: desejo de uma cidade / 1904-2024”*, matéria de capa desta edição, exibe a grandeza do Rio de Janeiro para além dos “cartões postais”, com trabalhos que exaltam, ao mesmo tempo em que tensionam, a beleza carioca.

Dividida em oito núcleos, a mostra reúne 185 obras de 75 artistas brasileiros e estrangeiros que abordaram o Rio em seus trabalhos. É uma ode à cidade e antecipa as celebrações de seus 460 anos de fundação.

Como ressalta o curador Lauro Cavalcanti, “o Rio é uma cidade-personagem em que natureza e cultura são indissociáveis”.

Boa Leitura!

Foto de capa: Andre Cypriano, *Sentado no Alto do Morro*, 1999 – Exposição *Rio: desejo de uma cidade / 1904-2024* na Casa Roberto Marinho

Jornalista Responsável: Vera Matagueira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone
Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato

(21) 97326-6868 / 3807-6497 | oxigeniorevistabr@gmail.com | www.oxigeniorevista.com
ANUNCIE, ENVIE SUGESTÕES DE PAUTA, COLABORAÇÕES, IMAGENS, PUBLIREPORTAGENS.

ÍNDICE

04

OXIGENE: *Deserto*, no teatro Futuros, Rio de Janeiro | Foto BSB –III Festival de Fotojornalismo de Brasília | *O Lago dos Cisnes* no Theatro Municipal do Rio de Janeiro | “*Stranger Sings – Uma Paródia Musical*” ganha versão brasileira | *Também guardamos pedras aqui*, espetáculo no Sesc Vila Mariana, SP, reconta a história da Guerra de Tróia sob uma perspectiva feminista

15

MATÉRIA DE CAPA: *Rio: Desejo de uma cidade* | 1904-2024 – O Rio como protagonista

21

Tomie Ohtake – *Infravermelho*

27

Centro Cultural Correios RJ – Coletiva *Alquimia Abstrata*

29

Centro Cultural Correios RJ – *Confinadas*, de Lígia Teixeira

31

Centro Cultural Correios RJ – *Habitantes da floresta de nós mesmos*, de Margaret de Castro

33

O Pernambuco Cosmico de Suanê

37

Masp exhibe vídeos da artista norte-americana Tourmaline

40

Será o Benedito?, de Fátima Farkas

43

Arte no Jardim, em Brasília, celebra 50 anos da Revolução dos Cravos de Portugal

48

DIRETO DE LONDRES: Alô, aqui é a Yoko!

52

Walter Lima Jr. é tema da mostra “*Em cima da Terra, embaixo do Céu – Os Cinemas de Walter Lima Jr.*” na CAIXA Cultural Rio de Janeiro

58

Festival Internacional Pequeno Cineasta apresenta cerca de 80 filmes feitos por crianças do Brasil e do exterior



Foto: Renato Pagliacci

DESERTO, no teatro Futuros, Rio de Janeiro

*Peça baseada na obra do
chileno Roberto Bolaño reflete
as condições de existência
e de criação dos artistas
no contemporâneo,
num mundo
em vias de desertificação*

Com direção e dramaturgia original de Luiz Felipe Reis e atuação de Renato Livera, o espetáculo teatral *Deserto* estreia nacionalmente no dia 2 de maio, no Teatro do Futuros – Arte e Tecnologia, no Rio de Janeiro. Trata-se da primeira dramaturgia e encenação brasileira baseada em fragmentos da vida e de diferentes obras do premiado escritor chileno Roberto Bolaño (1953-2003), considerado um dos maiores autores latino-americanos da virada do século XXI. Resultado de uma extensa pesquisa na obra do poeta e escritor Roberto Bolaño, *Deserto* é um poeta diante da morte afirmando a vida em criação.

“É também nossa batalha poética-cotidiana contra as forças de desertificação das subjetividades e de desvitalização do imaginário a que estamos sendo submetidos pelo mundo neoliberal e digital. É uma contra-cena ao estado desértico a que o mundo rumo, à disseminação irrestrita do horror e das forças de destruição que se alastram e englobam a Terra: violência neoliberal, necropolítica, ecocídio, feminicídios, fascismos e autoritarismos que vicejam em todos os tempos nas Américas e além”, comenta o diretor e dramaturgo Luiz Felipe Reis.

Reis destaca ainda que a peça *“lembra e celebra a coragem existencial-poética de Bolaño e de outros poetas e escritores também já desaparecidos que lutaram por uma vida poética, unindo democracia e poesia; sonhadores, loucos, artistas e ‘terrafirmistas’ que cultivaram a força de vida e de Eros nessa Terra. Vozes que se empenharam em criar poesia como resposta ao horror e ao deserto do real”*, concluiu.

Em seu recorte dramaturgico, o espetáculo joga luz, sobretudo, nos últimos anos de vida do escritor. Diagnosticado com uma doença hepática degenerativa, em 1992, Bolaño passa sua última década de vida lidando com a doença crônica e, de certa forma, silenciosa. Enquanto aguardava um transplante de fígado, se dedicava à conclusão de *“2666”*, sua obra-prima final. Em *Deserto*, estão fragmentos da jornada arquetípica do poeta e escritor imigrante, nascido no Chile, que atravessa o continente rumo ao México e, posteriormente, fixa-se na Espanha.

Atualmente, pode-se dizer que Bolaño já é reconhecido como um *“clássico contemporâneo”*, mas ainda hoje sua obra é pouco lida. Ao recriar em cena fragmentos da vida e da obra do autor, *Deserto* pretende contribuir para a difusão da sua obra e iluminar o seu legado artístico. Após sua morte, em 2003, a publicação de *“2666”*,

no ano seguinte, se tornou um dos maiores fenômenos literários da virada do último século – considerado por muitos o maior expoente das letras latinas desde Gabriel García Márquez.

A encenação brasileira pretende instaurar uma experiência multilinguagem, articulando dispositivos teatrais com a literatura, a poesia, a música, além de instalações de luz, som e vídeo. A proposta é articular reflexões filosóficas com provocações sensoriais a fim de sensibilizar e de engajar todos os envolvidos na experiência, na tarefa de responder criativamente às transformações e às ameaças existenciais que marcam o contemporâneo.

A temporada de estreia de *Deserto* celebra os 20 anos do lançamento de *“2666”*, a obra-prima de Roberto Bolaño, e também os 10 anos de formação da Cia. Polifônica.

SERVIÇO

Deserto

Temporada: 2 de maio a 23 de junho, quinta à domingo, às 20h

Futuros – Arte e Tecnologia

Rua Dois de Dezembro, 63, Flamengo, Rio de Janeiro / RJ
(próximo ao Metrô Largo do Machado)

Informações/tel.: (21) 3131-3060

Ingressos: R\$ 60,00 (Inteira) | R\$ 30,00 (Meia)

Lotação: 63 lugares, sendo 1 espaço para PCR, 1 assento para pessoa obesa e 1 assento reservado para acompanhante de PCD

Duração aproximada: 80 minutos

Classificação indicativa: 16 anos



Foto: Renato Pagliacci



Cerrado e seu Povo

Foto: Zuleika de Souza

FOTO BSB – III Festival de Fotojornalismo de Brasília

*Festival seleciona imagens de fotógrafos e fotojornalistas com cachê de participação.
Inscrições até 31 de maio*

O projeto FOTO BSB – III Festival de Fotojornalismo de Brasília convoca profissionais da imagem para sua edição de 2024. Com o tema "*Resiliência: Habitar na Emergência Climática*", a proposta é enaltecer o poder das fotografias como vozes poderosas para dar testemunho dessas realidades por meio de múltiplas imagens que podem construir narrativas peculiares.

Os trabalhos dos fotojornalistas e fotógrafos documentais selecionados serão exibidos em exposições, projeções, galerias virtuais e mesas de debates. Fundamentado pelas palavras "Resiliência" e "Habitar", o III FOTO BSB irá evidenciar a força das imagens diante dos desafios relacionados à moradia, permanência e mudanças, com exploração de questões contem-

porâneas como conflitos, crise climática e seus impactos na vida e no planeta.

PRÉ-REQUISITOS

A convocatória abre espaço para ensaios com o mínimo de cinco e o máximo de 30 fotos que explorem as diversas perspectivas do tema.

Poderão participar, de forma gratuita e voluntária, fotógrafos e jornalistas que possuam um ensaio de fotografias documentais dentro da temática proposta.

Todas as fotografias serão revisadas e validadas pelo Foto BSB e devem obrigatoriamente estar de acordo com o tema proposto.

O envio do material deverá ser feito através de um link fornecido após a inscrição, com acesso para uma única pasta no Google Drive. Os arquivos enviados devem estar no formato JPEG, excluindo TIFF ou RAW.

SELEÇÃO DOS TRABALHOS

A Direção Artística do Festival, formada por editores de

Cerrado e seu Povo

Foto: Zuleika de Souza



fotografia, será encarregada de selecionar as imagens – somente serão analisados trabalhos inscritos até o dia 31 de maio. O autor do ensaio que melhor traduzir a convocatória será selecionado para participação de uma mesa online em data a ser informada, recebendo um cachê de participação de R\$ 800,00 (oitocentos reais). O resultado final será anunciado no dia 1º de julho de 2024.

O III FOTO BSB – Festival de Fotojornalismo de Brasília tem patrocínio do Fundo de Apoio à Cultura (FAC-DF),

da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Governo do Distrito Federal.

SERVIÇO

FOTO BSB – III Festival de Fotojornalismo de Brasília

Inscrições: até 31 de maio

Convocatória com inscrições em:

bit.ly/ConvocatoriaFotoBSB2024

Informações: festivalfotobsb.com.br

Facebook: [@festivalfotobsb](https://www.facebook.com/festivalfotobsb)

Instagram: [@festivalfotobsb](https://www.instagram.com/festivalfotobsb)

Cerrado e seu Povo

Fotos: Zuleika de Souza



O LAGO DOS CISNES, um dos destaques na Temporada de 2024 do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, terá 11 récitas



O Lago dos Cisnes
Foto: Daniel Ebendinger

O espetáculo de Tchaikovsky, com Ballet e Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal, sob a regência de Tobias Volkmann terá várias apresentações em maio. A concepção e adaptação ficam a cargo de Jorge Texeira, a partir de Marius Petipa e Lev Ivanov; direção e mise-en-scène de Hélio Bejani. No total, serão onze récitas, sendo um ensaio geral para convidados e uma apresentação exclusiva para escolas: 15 de maio (ensaio geral), 16 (estreia), 17, 18, 22, 23, 24 e 25 às 19h, dias 19 e 26, às 17h e no dia 21, às 14h (Projeto Escola).

Clara Paulino, Presidente da Fundação Teatro Municipal, comemora a programação 2024 da nova temporada: *“Desenvolvida também para atender um público que nunca teve a oportunidade de assistir um espetáculo no Municipal, contamos com o patrocínio da Petrobras. Além de obras inéditas, remontamos clássicos para que os espectadores possam conhecer o que há de melhor em nosso repertório. Será um ano de muitas atividades”*.

“A temporada 2024 conta com nomes consagrados e importantes estreias de títulos como Rusalka, de Dvorák, Le Villi, de Puccini, e Candinho, de João Guilherme Ripper. Nos ballets, a volta de O Lago dos Cisnes e O Quebra-Nozes, além de La Fille Mal Gardée. Para o aniversário de 115 anos do TMRJ, o Tríptico Pucciniano, lembrando o centenário de morte deste que é um dos maiores compositores da história da ópera. A cada mês, um programa especial. O Lago dos Cisnes é um deles” – afirma o Diretor Artístico da Fundação Teatro Municipal, Eric Herrero.

SERVIÇO

O Lago dos Cisnes

Theatro Municipal do Rio de Janeiro

Praça Floriano, s/n (Cinelândia)

Tel.: (21) 2332-9191

<http://theatromunicipal.rj.gov.br/>



Strangers Sings – Da esquerda para a direita: Pedro Balu, Gabi Levask, Douglas Motta, Ada Anjos, Iuri Manzini e Giulia Nassa
Foto: Raiany Black

“Stranger Sings – Uma Paródia Musical” ganha versão brasileira

*Sucesso em Nova York e Londres, o premiado espetáculo
será exibido no Teatro Fashion Mall, em São Conrado, RJ, a partir de 11 de maio.
Com adaptação de Vitor Louzada, direção de André Breda e direção musical
de Caio Loureiro, o musical inspirado na série “Stranger Things”
é uma viagem divertida, fantástica e misteriosa aos anos 80*

Você está preparado para fazer uma viagem fantástica pelos anos 80 com os personagens de sua série favorita? Sucesso em Nova York e em Londres, o premiado espetáculo *“Stranger Sings – Uma Paródia Musical”* chega ao Rio de Janeiro para uma curta temporada no Teatro Fashion Mall, de 11 a 26 de maio, com sessões, aos sábados, às 19h, e aos domingos, às 18h. Com texto, música e letras de Jonathan Hogue, na adaptação de Vitor Louzada as aventuras icônicas da turma pelo “Mundo Invertido” e os elementos nostálgicos da década de 80 se misturam a referências e ao humor brasileiros.

Baseado na primeira temporada da série, o espetáculo se passa em 1983, na tranquila e pacata Hawkins, onde nada dá errado. Quando o garoto Will Byers some misteriosamente, “bagulhos sinistros” começam a acontecer. Em momento de pouca lucidez, a mãe do menino, Joyce, convence o chefe de polícia, Jim Hopper, a procurá-lo, e ele, finalmente, tem a oportunidade de colocar sua profissão em prática. Os amigos Mike, Dustin e Lucas também começam a procurar Will e encontram uma garota, com superpoderes telecinéticos, chamada Onze.

As aventuras do grupo envolvem muitas referências à cultura pop, trilha sonora original e marcante e mistérios sobrenaturais. O elenco, selecionado por audição, reúne Giulia Nassa (Onze), Iuri Manzini (Mike), Isaac Belfort (Lucas), Ada Anjos (Dustin), Maria Clara Cristóvão (Nancy e swing), Adam Lee (Steve/Jonathan), Luiza Lewicki (Barb), Gabi Levask (Joyce), Pedro Balu (Hopper e Swing Lucas), Malu Coimbra (Joyce e Eleven alternante/swing) e Matheus Boa (swing).

O projeto chega ao Brasil pelas mãos dos idealizadores Gabi Levask (atriz) e André Breda (diretor). O casal assistiu à montagem Off-Broadway do espetáculo e conseguiu negociar o primeiro licenciamento internacional

da produção. *“Eles estavam com sessões duplas, esgotando sempre, e só conseguimos no Natal. Fomos e nos surpreendemos muito! Paródia é sempre uma grande incógnita, mas as referências são muito inteligentes: estão no texto, nos figurinos, nas coreografias... E as músicas, mesmo originais, nos remetem aos sucessos dos anos 80”*, lembra Gabi.

O espetáculo agrada tanto aos fãs mais jovens da série quanto àqueles que viveram e curtiram os anos 80. Uma das brincadeiras proporcionadas pela peça é justamente reconhecer referências a filmes como *“Clube dos Cinco”*, *“Edward Mãos de Tesoura”*, *“Dirty Dancing – Ritmo Quente”*, *“Os Goonies”*, *“Labirinto”* e *“E.T. O Extraterrestre”* e a outros musicais como *“Mean Girls”*, *“Wicked”* e *“Gypsy”*. *“É um espetáculo que já ganhou sete prêmios proporcionando ao público momentos de leveza, diversão e relaxamento. Queremos repetir essa alegria nos palcos brasileiros”*, completa o diretor André Breda.

SERVIÇO

Stranger Sings – Uma Paródia Musical

Temporada: 11 a 26 de maio

Teatro Fashion Mall
Estrada da Gávea, 899,
loja 213, São Conrado,
Rio de Janeiro / RJ
Tel.: (21) 99857-8677

Dias/Horários:

sábados, às 19h, e domingos, às 18h

Ingressos: R\$ 80 (inteira) e R\$ 40 (meia-entrada)

Duração: 2h (incluindo o intervalo)

Classificação etária: 12 anos

Capacidade de público: 436 pessoas

Venda de ingressos: <https://bileto.sympla.com.br/event/92844>



Foto: Raiany Black

TAMBÉM GUARDAMOS PEDRAS AQUI

Espetáculo no Sesc Vila Mariana, SP,
reconta a história da Guerra de Troia
sob uma perspectiva feminista



A peça, baseada no livro homônimo e premiado de Luiza Romão, vencedora do Prêmio Jabuti nas categorias Poesia e Livro do Ano em 2022, é dirigida por Eugênio Lima, utiliza a linguagem do spoken word e tem a própria autora em cena

Para Luiza Romão, a fundação da literatura e do teatro ocidental aconteceu a partir de um massacre. Isso porque as obras consideradas os grandes marcos desse processo, “*Ilíada*” e “*Odisseia*”, ambas de Homero, evocam a Guerra de Tróia sob uma ótica estritamente masculina. A atriz e poeta subverteu o clássico e publicou o livro de poemas “*Também Guardamos Pedras Aqui*” com o objetivo de amplificar narrativas e personagens femininas historicamente apagadas na história oficial. O trabalho ganhou os palcos e se apresenta no Sesc Vila Mariana até 18 de maio, com sessões às sextas e sábados, às 20h. Nos dias 11 e 18 de maio estão programadas apresentações extras, às 18h.

“Na minha visão, tudo o que é considerado saber e humano no Ocidente foi moldado a partir dessas narrativas violentas. E, num contexto de guerra, o corpo

feminino também vira um campo de batalha. Assim, quando escolho recuperar essas figuras apagadas da historiografia oficial, como Cassandra, Ilíone, Ifigênia e Polixena, quero discutir os violentos estratagemas do patriarcado e diferentes formas de subjugação do sistema colonial”, comenta Luiza.

Publicado pela editora Nós em 2022, o livro venceu o Prêmio Jabuti nas categorias Poesia e Livro do Ano. Seu primeiro desdobramento, ainda em 2022, foi uma vídeo-poesia que teve Menção Honrosa no *International Videopoetry Festival* (Grécia) e foi exibido no *Weimar Poetry Film* (Alemanha).

Agora, a obra também se transformou em espetáculo – e sob a direção de Eugênio Lima. “*Sentimos que o mais importante para a encenação era a palavra ser a*



Foto: Sérgio Silva

grande força. Por isso, optamos pela linguagem do spoken word e utilizamos fotos e vídeos projetados. O foco é a performance de Luiza sobre os seus poemas, ao vivo”, conta.

SOBRE A ENCENAÇÃO

Sendo a palavra o centro da ação, Eugênio e Luiza usam-na de variadas formas: como som, como gesto, como ruído, como eco, como coro, como grafia, como pixo, como projeção, como pedra, como música, como sussurro e como testemunho. É uma maneira da peça se manter fiel à proposta do livro, já que as poesias não seguem necessariamente um estilo tradicional.

“Brinco muito com a linguagem no livro. Por isso, tem poema que é como uma canção de karaokê, tem poema que é uma mancha gráfica, como se fosse um documento censurado, tem poema em forma de manifesto, tem poema que é homenagem e tem até um escrito que é um acerto de contas”, revela Luiza.

Na prática, para seguir toda essa diversidade narrativa, os poemas serão performados de inúmeras formas: falados direto no microfone, reproduzidos com efeitos de *delay* ou sobreposição, falados sem o auxílio de um amplificador de volume ou simplesmente escritos. Eles também podem aparecer em meio às projeções.

Para as imagens projetadas, a atriz e escritora fez uma ampla pesquisa. Viagou por vários países buscando ecos da violência tão celebrada nas narrativas sobre a Guerra de Tróia e fez algumas das fotos e vídeos presentes em *“Também Guardamos Pedras Aqui”*. Um dos espaços evocados durante o espetáculo, por exemplo, é Vallegrande, região no interior da Bolívia onde Che Guevara foi assassinado.

Além disso, o espetáculo utiliza trechos de filmes e registros de ações urbanas na paisagem visual do trabalho. Quem assina a videografia é a VJ Vic Von Poser. A trilha sonora é operada ao vivo por Eugenio Lima para criar uma ambiência que remeta à Grécia Antiga, mas sem se descolar do momento presente da encenação.

SERVIÇO

Também Guardamos Pedras Aqui

Dias 3, 4, 10, 11, 17 e 18 de maio, às sextas e sábados, às 20h

Dias 11 e 18 de maio, sessão extra às 18h

Torre A do Sesc Vila Mariana – Auditório: 1º andar

R. Pelotas, 141, Vila Mariana, São Paulo / SP

Duração: 50 minutos | Faixa etária: 16 anos

Ingressos: pelo aplicativo Credencial Sesc SP, pelo Portal

Sesc SP e nas bilheterias do Sesc em todo o Estado

R\$ 12 (credencial plena); R\$ 20 (estudante, servidor de escola pública, idosos, aposentados e pessoas com deficiência) e R\$ 40 (inteira)



Foto: Sérgio Silva

RIO: DESEJO DE UMA CIDADE | 1904-2024

O RIO COMO PROTAGONISTA

Com obras de artistas de diferentes gerações e vertentes, exposição na Casa Roberto Marinho é uma ode à cidade. Fotografias e pinturas narram as complexidades e a diversidade cultural da capital fluminense nos últimos 120 anos

Luiz Baltar, *Instantes Cruzados*, 2017





Cristina Canale, *Jardim de Pedras*, 1993

Foto: Divulgação

*“Há um lugar para ser feliz, além de abril em Paris, outono, outono no Rio”, diz a canção *Outono no Rio*, de Ed Motta. E são esses os versos que dão as boas-vindas aos visitantes no hall de entrada da Casa Roberto Marinho, por onde correm as águas do Rio Carioca. Eles revelam o tom da mostra inédita *Rio: desejo de uma cidade | 1904-2024*, exposição que exhibe a grandeza do Rio de Janeiro para além dos “cartões postais”.*

Sob a curadoria de Lauro Cavalcanti, Marcia Mello e Victor Burton, com consultoria do executivo Jorge Nóbrega (ex-presidente do Grupo Globo), do colecionador Luiz Chrysostomo e do arquiteto Pedro Mendes da Rocha, a mostra – que será inaugurada no dia 11 de maio – é uma ode à capital do Rio de Janeiro e antecipa as celebrações de seus 460 anos de fundação. No período da exibição, até 21 de julho, não haverá cobrança de ingresso aos sábados e domingos (às quartas-feiras, a entrada permanecerá gratuita).

Partindo da data de nascimento do jornalista e empresário Roberto Marinho (1904-2003), que faria 120 anos em 2024, a coletiva exhibe 139 peças e outras 46 obras ampliadas e plotadas nas paredes do instituto. São fotografias e pinturas de 75 artistas brasileiros e estrangeiros que abordaram o Rio em seus trabalhos. Há



Renan Cepeda, *Perfil do Rio visto do Parque da Cidade*, 2006

também desenhos, esculturas, vídeos, maquetes, peças de design, cartazes e publicações apresentados em oito núcleos expositivos – *“Corpo”, “Morar”, “Festejar”, “Concentrar”, “Aeroporto”, “Projetar”, “Construir” e “Lembrar”* – que expressam a complexidade e a diversidade cultural da Cidade Maravilhosa.

Para Lauro Cavalcanti, diretor do instituto no Cosme Velho, *“o Rio é também constituído por ‘cariocas’ das mais diversas origens que, compartilhando o desejo de uma cidade, vêm formando a cultura desta complexa metrópole estabelecida num dos lugares mais belos do planeta. Criamos salas para a arquitetura, o design, as tradições e a literatura aqui produzidos, considerando que o Rio é uma cidade-personagem em que natureza e cultura são indissociáveis. A música igualmente tem relevância em vários momentos da mostra”*.

“A exposição pontua muitos aspectos de um lugar em permanente transformação. É um passeio no tempo, valorizando passagens que nos pareceram relevantes para entender os dias de hoje”, comenta Marcia Mello, que tem a fotografia como área de conhecimento. *“Evitamos os ‘cartões postais’ e trouxemos trabalhos que exaltam, ao mesmo tempo em que tensionam, a beleza carioca”*.

Na primeira sala está a pintura *Jardim de pedras* (1993), de Cristina Canale, diante da fotografia *Perfil do Rio visto do Parque da Cidade* (2006), de Renan Cepeda, acompanhada de uma citação de Quintana: “Os túneis são meus lugares favoritos no Rio. Neles posso descansar de tanta beleza.” (Mário Quintana)

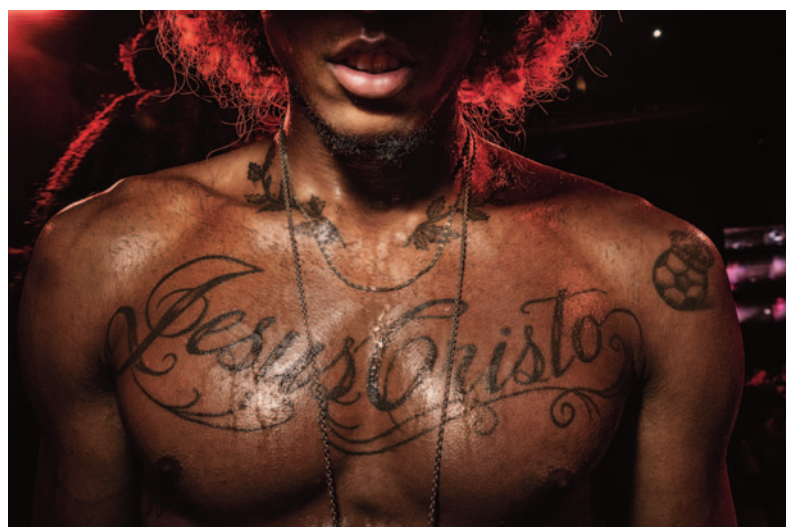
Obedecendo ao arco temporal proposto, a história desse território é narrada por meio de imagens e personagens. Como o padroeiro São Sebastião, que aparece na segunda sala, na pintura de Glauco Rodrigues, de 1983, exibida em diálogo com a escultura em ferro *Ofá de Oxóssi* (2024), do artista pernambucano Diogum. “É um aceno para o sincretismo constitutivo das práticas religiosas brasileiras”, pontua Lauro.

Toda entremeada por textos informativos, a mostra revela curiosidades históricas ao público. Em 1512, chegaram à cidade os primeiros portugueses que, acreditando ser a Baía de Guanabara o estuário de um curso de água doce, chamaram-na de “Ria”, designação geográfica para tais lugares. Desse modo, o primeiro nome do local foi uma conjugação do verbo *rir*.

Na área expositiva, fotografias de Alair Gomes, Anna Kahn, Cristiano Mascaro, Custódio Coimbra, José Medeiros, Leonardo Aversa, Marc Ferrez, Pierre Verger, Renan Cepeda e Vincent Rosenblatt, entre outros, são apresentadas em diálogo com trabalhos de artistas de diferentes gerações e vertentes, como Allan Weber, Carlito Carvalhosa, Carlos Vergara, Di Cavalcanti, Djanira, Ismael Nery, Jarbas Lopes,



Custódio Coimbra, *Jujuba*, S.d.



Vincent Rosenblatt, *Ezequias – Funk Body*



Djanira da Motta e Silva, *Casa de farinha*, 1974

Foto: Divulgação



Antonio Bandeira, tríptico *Panorama*, 1962-1964
Foto: Divulgação



Monara Barreto, *Luzes do Alemão*, 2011



Ratão Diniz, *Sem título*, 2013

J. Carlos, Luiz Alphonsus, Rivane Neuenschwander e Tarsila do Amaral.

Explorando relações plásticas não hierarquizadas, o óleo sobre tela *Panorama* (1962-1964), de Antonio Bandeira, é ladeado por duas fotografias contemporâneas de Monara Barreto e Ratão Diniz, jovens ligados à Escola de Fotógrafos Populares (EFP) criada há cerca de 20 anos no Complexo da Maré, Zona Norte do Rio.

De acordo com Marcia, há trabalhos na exposição que fazem referência a uma produção histórica, com apropriações de fotografias consagradas: *“Joelington Rios e Luiz Baltar incorporam imagens icônicas de Marc Ferrez e Augusto Malta, respectivamente, do início do século 20, e as reinterpretam atualizando conceitos e temas sensíveis”*, revela a curadora.

A exposição contempla, ainda, uma sala exclusivamente dedicada à produção do compositor e pintor carioca Heitor dos Prazeres (1898-1966), que retratou como poucos o cotidiano do Rio, com cinco telas que pertencem ao acervo da Casa.

Sobre as peças de design gráfico em exibição, Victor Burton comenta: *“Privilegiamos ícones indiscutíveis que caracterizaram expressões de grande qualidade na história visual e cultural da cidade, como o trabalho do designer Aloísio Magalhães e a criação da Esdi, primeira escola de desenho industrial do Brasil. Selecionamos também algumas das melhores capas de discos brasileiros realizados pela gravadora Elenco, entre os anos 1950 e 1960, além*



Anna Kahn, *Leite de rosas, São Miguel Arcanjo, plumas e paetês*, 2009

de exemplares da *Revista Rio*, editada e dirigida por Roberto Marinho nos idos da década de 1950, que estampava suas capas com grandes artistas, como *Di Cavalcanti* e *Roberto Burle Marx*”.

A literatura também está presente. Seja através do quadro pintado por Clarice Lispector ou dos poemas que acompanham algumas obras. Entre eles, *Copacabana*, de Vinicius de Moraes; *Os inocentes do Leblon*, de Carlos Drummond de Andrade; *Noite carioca*, de Ana Cristina Cesar; e *Botafogo*, de Murilo Mendes. A crônica “*De Cascadura ao Garnier*”, escrita em 1922 por Lima Barreto, e o texto “*A alma encantadora das ruas*” (1908), de João do Rio, nos ajudam a compreender o espírito da cidade.

Entre outras curiosidades estão partituras de Heitor Villa-Lobos, croquis de Oscar Niemeyer, um autorretrato de Noel Rosa, de 1937, e fotografias de expoentes



Thiago Facina, *Escadas 06*, 2014

como Cartola, Chiquinha Gonzaga e Grande Otelo. Trabalhos do carioca Allan Weber, que resultam da pesquisa do artista sobre as lonas usadas nos bailes funks do Rio, expressam a força estética da cultura produzida na periferia. A seleção inclui, ainda, duas obras dos contemporâneos Marcos Chaves e Victor Arruda, criadas especialmente para a ocasião.

No núcleo “*Corpo*”, a curadoria reservou uma surpresa entre as pinturas e fotografias: uma TV exibe imagens do finado Canal 100, o cinejornal fundado em 1957 pelo produtor Carlos Niemeyer. Quem frequentou as salas de cinema cariocas entre as décadas de 1950 e 1980 sabe que, antes dos filmes, passava um cinejornal com visão documental, que apresentava imagens em câmera lenta dos principais jogos da rodada.

Como atividade paralela, uma mostra temática sobre o Rio está em cartaz tanto no cinema da Casa Roberto

Marinho quanto na plataforma Globoplay, aberta gratuitamente a não assinantes. Em clássicos como *Macunaíma*, de Joaquim Pedro de Andrade; *Terra em transe*, de Glauber Rocha; *Rio 40 graus*, de Nelson Pereira dos Santos; e *Central do Brasil*, de Walter Salles, são apresentadas diferentes perspectivas sobre a cidade.

Completa a exposição multimídia uma cronologia ilustrada por charges e publicações de jornais, que ocupa a última sala.

SERVIÇO

Rio: desejo de uma cidade | 1904-2024

Abertura: 11 de maio, das 12h às 18h

Encerramento: 21 de julho

Instituto Casa Roberto Marinho

Rua Cosme Velho, 1105, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 3298-9449

Dias/Horários: terça a domingo, das 12h às 18h

(Aos sábados, domingos e feriados, a Casa Roberto Marinho abre a área verde e a cafeteria a partir das 9h)

Ingressos à venda exclusivamente na bilheteria:

R\$ 10 (inteira) / R\$ 5 (meia entrada)

As quartas-feiras, a entrada é franca para todos os públicos.

Aos domingos, “ingresso família” a R\$ 10 para grupos de quatro pessoas.

A Casa Roberto Marinho respeita todas as gratuidades previstas por lei e é acessível a pessoas com deficiência física.

Estacionamento gratuito para visitantes, em frente ao local, com capacidade para 30 carros.

Carlos Vergara, *Poder*, 1972



TOMIE OHTAKE INFRAVERMELHO

Tomie Ohtake, *Sem título*, 1995

Foto: Flávio Freire



Mais de quinze pinturas, majoritariamente dos anos 1990, quando a artista consolidou o uso de tinta acrílica; uma escultura em tubo metálico pintado de branco; e um conjunto nunca mostrado ao público – estudos para suas obras – compõem a mostra exibida na Galeria Nara Roesler, São Paulo, em parceria com o Instituto Tomie Ohtake.

A diretoria artística é assinada por Paulo Miyada, curador-chefe do Instituto

“Infravermelho” reúne trabalhos majoritariamente desenvolvidos ao longo da década de 1990, quando a artista consolida a transição, iniciada dez anos antes, do uso de tinta acrílica em detrimento da tinta a óleo. O uso dos pigmentos diluídos em água permitiu que Tomie explorasse as transparências, as veladuras, a fluidez, de uma forma que não teria sido possível com a tinta óleo, em que os solventes são mais espessos, além de altamente tóxicos.

“A água é a própria noção de fluidez, e isso deu à Tomie a possibilidade de lidar com texturas que são menos controladas do que as da pintura a óleo”, observa Paulo Miyada. *“Uma pincelada muda a cor e a densidade, e as obras caminham para uma composição mais sintética”*. Ele explica que nos anos 1960 as obras de Tomie tinham o fundo mais claro, onde *“flutuavam retângulos, quadrados de cor. Nos anos 1970 e 80, o fundo foi sumindo e os planos coloridos se expandiram, com bordas bem definidas”*.

GRANDE PLANO DE COR/ANALOGIAS CÓSMICAS

Paulo Miyada conta que foi na década de 1990 que Tomie afinou sua atenção às gestualidades pictóricas na sobreposição de camadas e transparências, tendo uma coleção de formas arquetípicas como seu objeto recorrente. *“Ao passar para a tinta acrílica, é como se a pintura fosse feita somente de fundo, e se condensa em formas sintéticas; círculos, manchas, elipses. Cada tela se torna um grande plano de cor. Tomie fez um mergulho em formas sintéticas, explorando transparências, gestos, luz, sombra, sobreposições”*.



Tomie Ohtake,
Sem título, 1994
Foto: Flávio Freire



Tomie Ohtake,
Sem título, 1994
Foto: Flávio Freire

Ele ressalta também que o trabalho abstrato de Tomie Ohtake sempre foi altamente evocativo, e provoca emoções, sensações, estimula o campo cinestésico. *“As pessoas projetam algum tipo de associação, de emoção, até as associações analógicas, vendo imagens aquáticas ou cósmicas, planetas, lua, sol. As analogias cósmicas no trabalho da artista foram muito fortes nos anos 1990”*. Essa aproximação, já percebida por críticos como Frederico Moraes e Miguel Chaia, foi fundamental para a definição do título da exposição.

“As imagens do cosmo que conhecemos são alimentadas por um imaginário construído desde os primórdios da humanidade, e sempre do ponto de vista da Terra. Agora, vemos imagens do espaço sideral registradas pelo James Webb”, diz. Os complexos

equipamentos do maior telescópio espacial já construído detectam radiação infravermelha além do espectro visível, enxergando através de densas nuvens de gás que bloqueiam luz, revelando assim regiões escondidas do universo, como estrelas-anãs, nebulosas, galáxias em formação, exoplanetas e muito mais. As imagens obtidas são originalmente muito escuras, e resultado de múltiplas exposições, e muitos filtros de suas câmeras são capazes de focar elementos específicos como moléculas. É longo o processo de decodificar essas imagens, até serem coloridas e detalhadas com o uso de computadores e uma equipe altamente especializada.

“Essas imagens têm uma interação técnico-científica com o imaginário humano acumulado. Mesmo techni-

camente não sendo capazes de enxergarmos o infravermelho, quem pode dizer que não somos? A tecnologia enxerga além do que o ser humano percebe, e talvez ela mostre algo que intuíssemos, mas que não víamos. Enxergar através de nuvens cósmicas cria nova camada de transparência. É um encontro com algo muito simples, mas repleto de nuances, que tem uma escala meio imensurável, inapreensível, e faz uma analogia com as obras de Tomie”, completa o diretor artístico.

As duas primeiras das salas de “Infravermelho” têm uma intervenção expográfica do arquiteto e designer Rodrigo Ohtake, neto da artista e vice-presidente do Instituto Tomie Ohtake. Ele criou uma segunda pele nas paredes das salas, com um painel de chapas metálicas perfuradas, em um plano sinuoso que envolve esses espaços.

SOBRE TOMIE OHTAKE

Tomie Ohtake é uma das artistas integrantes da 60ª Bienal de Veneza, “*Stranieri Ovunque / Foreigners Everywhere*” – 20 de abril a 24 de novembro de 2024 –, que tem como curador o brasileiro Adriano Pedrosa. Seu trabalho encontra-se no núcleo histórico modernista latino-americano e diaspórico.

Nascida no Japão em 1913, Tomie Ohtake se mudou para o Brasil em 1936, onde se naturalizou e permaneceu até o final de sua vida. A artista iniciou sua trajetória artística tardiamente, em meados da década de 1950, momento no qual eclodia a abstração na arte

brasileira, tanto as de caráter geométrico, como as de natureza informal/gestual. Tomie, contudo, não se filiou a nenhuma das duas vertentes, embora tenha estabelecido um diálogo com ambas, e criou uma abstração de sentido cósmico, combinando gestualidade e geometria.

Paulo Miyada destaca que “*Tomie sempre defendeu o encontro de cada pessoa com a obra de arte, e evitou qualquer aspecto que limitasse ou roteirizasse este momento. Ela não nomeava suas obras, nem assinou manifestos de arte ou participou de algum grupo organizado, porque isso poderia limitar tanto os artistas, como principalmente o público. Ela evitava interferências na experiência, na espontaneidade do instante, tanto para quem faz a obra como para quem vê*”.

Tomie Ohtake,
Sem título, 1994
Foto: Flávio Freire





Tomie Ohtake,
Sem título, 1995
Foto: Flávio Freire

Uma das principais representantes da arte abstrata no Brasil, Tomie Ohtake iniciou sua carreira artística aos 37 anos, quando se tornou membro do grupo Seibi, que reunia artistas de ascendência japonesa. No final da década de 1950, ao deixar para trás a fase inicial de estudos figurativos na pintura, mergulhou em explorações abstratas. Neste período, realizou a série conhecida como *“Pinturas cegas”*, em que suprimia a visão para experimentar e desafiar as ideias fundamentais do movimento neoconcreto brasileiro, trazendo à tona em sua prática sensibilidade e intuição.

Em 1957, convidada pelo crítico Mário Pedrosa, fez sua primeira exposição individual no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), que culminou, quatro anos depois, em sua participação na Bienal de São Paulo de 1961. Tomie Ohtake começou a experimentar vários métodos de impressão durante os anos de 1970 e, já no final da década de 1980, executou projetos es-

culturais de grande escala, assim como esculturas públicas em São Paulo e nas cidades vizinhas. Tendo trabalhado até o fim na vida, Tomie Ohtake faleceu em 2015, aos 101 anos de idade.

Seus trabalhos foram exibidos em muitas exposições. Entre as individuais mais recentes, encontramos: *“Tomie Ohtake Dançante”*, no Instituto Tomie Ohtake (ITO), em São Paulo, em 2022; *“Persistência do visível”*, na Nara Roesler, em Nova York, em 2021; *“Tomie Ohtake: cor e corpo”*, na Caixa Cultural Brasília, em Brasília, 2018; *“Tomie Ohtake: nas pontas dos dedos”*, na Nara Roesler, em São Paulo, 2017; *“Tomie por Tizuka Yamasaki”*, no Museu da Imagem e do Som (MIS), em São Paulo, em 2015. Principais coletivas recentes incluem: *“Action, Gesture, Paint: Women Artists and Global Abstraction 1940-70”*, na Whitechapel Gallery, em Londres, em 2023; *“Raio-que-o-parto: Ficções do moderno no Brasil”*, no Sesc 24 de Maio, em São Paulo,

em 2022; *“Composições para tempos insurgentes”*, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), no Rio de Janeiro, em 2021; *“Surface Work”*, na Victoria Miro, em Londres, em 2018; *“Arte moderna na coleção da Fundação Edson Queiroz”*, no Museu Coleção Berardo, em Lisboa, em 2017; *“Fusion: Tracing Asian Migration to the Americas Through AMA’s Collection”*, no Art Museum of the Americas, em Washington, em 2013. Suas obras estão em importantes coleções, como: Colección Patricia Phelps de Cisneros, Caracas; Dallas Museum of Art, Dallas, Estados Unidos; M+, Hong Kong; Metropolitan Museum of Art (MET), Nova York; Mori Art Museum, Tóquio; Museu de Arte Mo-

derna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo; Tate Modern, Londres.

SERVIÇO

Tomie Ohtake – Infravermelho

Até 8 de junho

Nara Roesler, São Paulo

Avenida Europa, 655, São Paulo / SP

Tel.: (11) 2039-5454

info@nararoesler.art

Dias/Horários: segunda a sexta, das 10h às 19h;
sábado, das 11h às 15h | Entrada gratuita

<https://nararoesler.art/>



Tomie Ohtake,
Sem título
Foto: Flávio Freire

CENTRO CULTURAL CORREIOS RJ INAUGURA TRÊS EXPOSIÇÕES ESTE MÊS

*Dia 1º é a vez da coletiva de artistas “ALQUIMIA ABSTRATA”;
a partir do dia 8, “CONFINADAS”, individual da artista Lúgia Teixeira;
no dia 11, a vernissage de Margaret de Castro, “HABITANTES DA FLORESTA DE NÓS MESMOS”*

“ALQUIMIA ABSTRATA”

Imagens emergem da alquimia das cores, do contraste entre claro e escuro que serve de base para pinceladas e espatuladas através dos movimentos síncronos e assíncronos na superfície da tela. Assim a curadora e artista Renata Costa define os trabalhos de Andréa Noronha, Cosme Martins, Deborah Netto e Miguel Nader que se juntam a ela na coletiva “Alquimia Abstrata”. A mostra reúne, até meados de junho, 25 obras que expressam o processo criativo de cada um deles, conectando-se através do tempo pela gestualidade e formando superfícies pictóricas cheias e vazias, resultando em uma mistura de pigmentos que formam cores e tons.

O conjunto expositivo ressalta as diversas possibilidades de expressar a arte através da (re) utilização de materiais: Cosme Martins, por exemplo, parte do aproveitamento de tecidos e papelões que seriam descartados. Já Deborah Netto emprega a técnica de encáustica, enquanto Miguel Nader aposta em misturas fluidas e geométricas. Andréa Noronha e Renata Costa exploram os efeitos de luz e formas.

“A magia alquímica do processo criativo de cada um desses artistas, leva o interlocutor a uma viagem pela sua imaginação fluida pessoal. A imensidão de possibilidades estimula novas formas de registrar o seu



Andréa
Noronha,
Bleu

Foto:
Divulgação

Cosme
Martins
Foto:
Divulgação



imaginário, apresentando volumes que saltam ao olhar do espectador”, diz Renata Costa.

ANDRÉA NORONHA – A artista paraense se dedica a pesquisas de novas técnicas com tintas e texturas diversificadas no seu próprio ateliê. Seus trabalhos têm cores vibrantes e dourados solares.

COSME MARTINS – Maranhense, mora no Rio desde a década de 80, onde foi orientado por grandes nomes da pintura como Rubens Gerchman, Luiz Aquila e Aluísio Carvão, entre outros. Atualmente trabalha com o reaproveitamento de materiais que seriam descartados como restos de tecidos e papelão.

DEBORAH NETTO – Nascida no Rio de Janeiro, bacharel em Pintura pela EBA – UFRJ. Trabalha com pintura encaústica, mesclando diversos materiais e suportes. Em várias de suas obras, é possível observar linhas de arabescos que surgem das manchas de cores, padrões florais e abstratos.

MIGUEL NADER – Paulistano, formou-se em Odontologia no Rio de Janeiro e começou a frequentar o Atelier-escola na Urca e posteriormente, a EAV do Parque Lage, onde estudou Pintura e História da Arte. Em 2022, passou a se dedicar exclusivamente à Arte, criando composições abstratas inicialmente inspiradas em fotos de paisagens cósmicas.

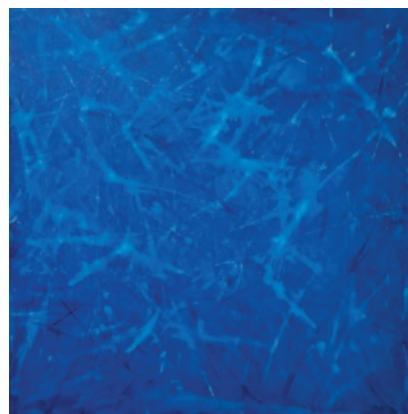
RENATA COSTA – Renata Costa é curadora, artista visual e arquiteta, nascida no Rio de Janeiro. Na FAU-UFRJ, estudou História da Arte e da Arquitetura. Seus trabalhos contrastam cores fortes, texturas e espatuladas que representam elementos espaciais, da natureza e formas orgânicas e imperfeitas.



Deborah Netto,
Tropical
Foto: Divulgação



Miguel Nader
Foto: Divulgação



Renata Costa,
*Passagem
às estrelas*
Foto: Divulgação

SERVIÇO

Alquimia Abstrata

Abertura: 1º de maio, quarta-feira, das 15h às 19h
Show com Duda Anízio na vernissage

Visitação: de 2 de maio a 15 de junho

Centro Cultural Correios RJ – Sala C – 3º andar

Rua Visconde de Itaboraí, 20, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: de terça a sábado, das 12h às 19h

Entrada gratuita

“CONFINADAS”, DE LÍGIA TEIXEIRA



Lígia Teixeira, 2020

Foto: Divulgação

O universo feminino e seus questionamentos e representações sociais são temas recorrentes no trabalho da artista Lígia Teixeira. *Confinadas*, com curadoria de Osvaldo Carvalho, foi um dos três selecionados – entre 300 inscritos –, no 6º Programa de Seleção da Piccola Galleria, que ela apresentou na Casa Fiat de Cultura, em Belo Horizonte, no ano passado. Para a mostra no Centro Cultural Correios, a artista desenvolveu algumas novas séries abordando o etarismo, bem como ques-

tões de raça e gênero, ilustradas por noivas negras e trans, totalizando cerca de 50 pinturas em pequenos formatos e uma única tela em grande formato. Há também uma série intitulada “*Caladas*”, onde mulheres mascaradas fazem alusão à dificuldade que ainda existe no poder de fala feminino na sociedade.

“A EXPOSIÇÃO É UMA VIAGEM INTROSPECTIVA”

Iniciada na pandemia, “*Confinadas*”, em clara alusão ao momento daquela época, revela personagens femininas solitárias, enclausuradas na maior parte das vezes em seus ambientes domésticos, e que no seu sentido mais amplo, servem como metáfora para se discutir o silenciamento e o apagamento das mulheres ao longo dos séculos. Elas figuram, por exemplo, em cenas inusitadas, como em um banho na pia da cozinha, observando uma panela em chamas ou simplesmente de costas, olhando uma parede atrás do sofá. Segundo a artista, a atmosfera minimalista da mostra é proposital, bem como os elementos desconexos e ambíguos presentes em muitas pinturas, a fim de instigar e provocar um estranhamento no espectador.

O curador Osvaldo Carvalho destaca que Lígia apresenta seu conteúdo de maneira simples e objetiva, mas sem se deixar levar por fórmulas simplistas ou moralistas. “*Ela enxerga nos fatos ordinários a mais preciosa contemplação*”. Para ele, *Confinadas* é o “*testemunho de um tempo de apagamento das mulheres, que não foi menos implacável durante ou depois da pandemia*”.



Lígia Teixeira

Fotos: Divulgação

Transparece certa angústia ao observarmos linhas de esboço perdidas, ou ignoradas, ou simplesmente absorvidas ao acaso”, aponta o curador. “As cores aplicadas nas superfícies pictóricas são o principal destaque; nelas encontramos seu mais caloroso embate, ora burlando sistemas conhecidos de composição, ora perfeitamente ajustada às demandas de matiz, de tonalidade, de policromia”.

SOBRE A ARTISTA

Lígia Teixeira nasceu no Rio de Janeiro, onde vive e trabalha. Possui formação em Arquitetura na UFRJ e em diversos cursos de arte – no Museu de Arte Moderna – MAM e na Escola de Artes Visuais do Parque Lage no Rio de Janeiro – e especialização em Urbanismo na Université Paris VIII em Paris, França. Realizou várias exposições individuais, entre as quais na Casa Fiat de Cultura em Belo Horizonte /MG, na Vitrine Efêmera no Estúdio Dezenove, no Paço Imperial, Museu de Belas Artes, Centro Cultural da Justiça Federal, Centro Cultural Correios, Galeria Cândido Mendes, no Rio de Janeiro/RJ, e na Fundação Joaquim Nabuco em Recife/PE. Participou de diversos salões de Arte, como Salão de Arte Pará, Salão Paranaense, Salão Nacional, Salão Paulista e Salão Carioca, além de dezenas de mostras coletivas.

Sua investigação tem como foco o universo feminino e suas representações sociais e no imaginário coletivo. Criando um diálogo entre as questões do inconsciente e da vida urbana nos dias de hoje, o corpo, o desejo, o erotismo, a sexualidade, são temas que perpassam a sua obra, assim como as diversas representações que envolvem a natureza feminina e os seus lugares de fala no mundo contemporâneo.

SERVIÇO

“Confinadas” – Lígia Teixeira

Abertura: 8 de maio, quarta-feira, das 17h às 20h

Visitação: de 9 de maio a 15 de junho

Centro Cultural Correios RJ

Rua Visconde de Itaboraí, 20, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: de terça a sábado, das 12h às 19h

Entrada gratuita



Lígia Teixeira
Foto: Divulgação

“HABITANTES DA FLORESTA DE NÓS MESMOS”, DE MARGARET DE CASTRO,



As ausências, a incomunicabilidade e o isolamento impostos pela contemporaneidade são o mote desta primeira exposição individual da artista Margaret de Castro, sob curadoria de Mario Camargo. Os personagens que habitam as telas da artista se defrontam e se confrontam em cenas cotidianas, absortos em si mesmos, sem ligação uns com os outros. São anônimos, dividindo o mesmo ambiente, o mesmo cubo preenchido de cor. Nesses trabalhos, o vazio e a ausência de memória preenchem os olhos, mas não de forma surreal. É percebido que em algum momento esses lugares existem na geografia interna de cada um de nós. Eles se misturam com os observadores, de forma a nos fundir ao seu mundo. O trabalho fala das relações impessoais, da experiência do “não lugar” como um componente da nossa sociedade e da individualidade solitária de mediação cada vez mais virtual.



Segundo o curador Mario Camargo, Margaret captura a textura de cada personalidade contextualizando-as de modo e criar narrativas singulares e cheias de poesia: *“O trabalho de Margaret é como uma janela indiscreta de tudo que passa e transpassa por seu olhar. Os ruídos e movimentos dos ventos não perturbam o silêncio. Não é preciso permanecer muito tempo*

nessa floresta para nos sentirmos dentro dela, nesses devaneios de cores e gestos. Ela observa, penetra e repassa os sentimentos, solidões e outros ares que captura e revela nas telas com tintas e cores”.

Algumas telas foram dispostas de forma sequencial, como na obra do vagão de metrô, por exemplo. “Os personagens que aparecem cortados por estarem na borda, entram em contato com a vida, e têm um engajamento maior com o mundo”, explica Margaret. Dessa forma, a artista delinea a possibilidade de focar a pintura além do campo pictórico de maneira que as figuras anônimas encontradas nos limites das margens avancem para habitar também o lado de fora.

Em destaque, um imenso mural composto por 40 imagens de pessoas em seu momento particular cotidiano,

elementos isolados autônomos, mas na obra como um todo, são dadas a elas a capacidade de conexão com as outras e de assumir uma rede de relações de modo a formar um tecido único. Esse coletivo de imagens faz com que os indivíduos, que estavam em seus ambientes domésticos individuais singulares, criem laços, se conectem e se vinculem com o grupo.

SERVIÇO

“Habitantes da floresta de nós mesmos”

Margaret de Castro

Vernissage: dia 11 de maio, sábado, das 15h às 19h

Até 15 de junho

Centro Cultural Correios RJ

Rua Visconde de Itaboraí, 20, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: de terça a sábado, das 12h às 19h

Entrada gratuita

Margaret de Castro



Fotos: Divulgação



O PERNAMBUCO CÓSMICO DE SUANÊ

***Museu de Arte Contemporânea
da Universidade de São Paulo
recebe exposição inédita
da artista pernambucana***

*A exposição traz uma seleção
de 62 obras que evidenciam
sua ligação à cultura nordestina
através de símbolos, formas e cores,
que resultaram em uma trajetória
artística multifacetada
ao longo de sete décadas*

Suanê, *Tsakhakat Xua em verde*, 1989

Foto: Ana Viotti





Suanê, *Barraca com Romãs*, 1963

Foto: Ana Viotti

O Pernambuco Cósmico de Suanê conta com curadoria do pesquisador Tálisson Melo e exhibe o universo criativo da artista plástica pernambucana Lúcia de Barros Carvalho (1922-2020). Inédita, a exposição faz uma retrospectiva na produção artística de Suanê, de 1946 a 2019, e conta com financiamento do Programas Unidades de Fomento à Cultura (PROAC-SP), da Secretaria da Cultura, Economia e Indústrias Criativas do Estado de São Paulo.

Nascida em um engenho da região de Palmares do estado pernambucano, Lúcia passou sua infância e adolescência na vila Águas Belas, localizada no centro do território do povo indígena Fulni-ô. Ao conviver de perto com a cultura e tradições desta comunidade, recebeu o nome Suanê, adotado por ela desde então.

“Suanê foi uma artista que se recusava a perder suas raízes. Seus costumes, as celebrações populares, a passagem dos cangaceiros por sua região, a convivência com os Fulni-ô, o catolicismo e todos os aspectos culturais que a formaram, são características fortes em todas as suas obras. Sem dúvidas, esse é o seu grande diferencial”, afirma o curador.

Na exposição, os trabalhos evidenciam o regionalismo e as raízes pernambucanas que moldaram o estilo único da artista, em diferentes momentos de sua carreira. Entre as obras, destacam-se a *Santa com anjos* (1946), sua primeira pintura que remete à Nossa Senhora da Conceição, padroeira de Águas Belas; *Enterro na Rede* (1946) e *Interior de Fazenda* (1946), ambas pertencentes ao acervo do MAC USP; *Barraca com romãs* (1963), principal pintura de sua fase de síntese da figuração; e *Tsakhakat-xua em duas cores* (1988), que marca a presença de suas memórias com os Fulni-ô quando sua obra se abre definitivamente a uma espacialidade cósmica.

Apesar do pouco interesse em exhibir seu trabalho e integrar o circuito artístico de sua época, sua obra percorreu importantes espaços no país, como a I Bienal Internacional de São Paulo, no início da década de 50, e no mundo como a XXXII Bienal de Veneza e salões internacionais em Paris, Tóquio e Santiago, no Chile. Além disso, suas peças estiveram ao lado de grandes artistas como Di Cavalcanti, Tarsila do Amaral, Graciano e Nóbrega e Alfredo Volpi, com quem teve forte ligação e influência.



Suanê,
Fundo de Quintal
Foto: Ana Viotti

DO POPULAR AO CONTEMPORÂNEO

Junto com a família, Suanê chegou a São Paulo em 1940. Iniciou sua produção artística cinco anos mais tarde, incentivada por seu marido Nelson Nóbrega. Em poucos meses, já havia produzido cerca 35 quadros que foram expostos pela primeira vez em abril de 1946, na Galeria Itá, no centro da capital paulista. A repercussão de suas primeiras obras foi significativa, embora tomada pelo calor de uma discussão mais ampla que a definia como “arte popular” e “regional”.

As pinturas produzidas durante as décadas de 1980 e 1990, chamadas de “cósmicas” pela própria artista, mostram a capacidade e desejo de Suanê em se reinventar constantemente. Entre linhas, formas e cores,

ela desbravou outra espacialidade e levou o Pernambuco e seus símbolos, como as famosas bandeirinhas de festas de São João, à escala universal. O trabalho e a trajetória de Suanê também instigam a reflexão sobre os limites da história da arte entre os séculos XIX e XXI.

“Mesmo em se tratando de um contexto também caracterizado pela fome, seca e desigualdade históricas, a arte de Suanê explorava temas relacionados à identidade, memória, natureza e sociedade, refletindo suas próprias experiências e observações do mundo ao seu redor”, afirma o curador.

SOBRE TÁLISSON MELO

Curador, pesquisador e professor de história da arte e

sociologia cultural. Pós-doutorando no Instituto de Estudos Brasileiros da USP. Doutor em Sociologia e Antropologia pela UFRJ, com estágio de pesquisa na Yale University, EUA. Mestre em Artes, Cultura e Linguagens pela UFJF, onde também se graduou bacharel interdisciplinar em Artes e Design, com concentração em História da Arte pela Universidad de Salamanca, Espanha.

SERVIÇO

O Pernambuco Cósmico de Suanê

Até 21 de julho

MAC USP – Museu de Arte Contemporânea
da Universidade de São Paulo

Av. Pedro Álvares Cabral, 1301, Ibirapuera, São Paulo / SP

Dias/Horários: terça a domingo, das 10h às 21h

Instagram: [@projetosuanê](https://www.instagram.com/projetosuanê)

Gratuito

Suanê, *O Leproso*, 1950

Foto: Ana Viotti





Tourmaline, *Atlantic is a Sea of Bones* (frame), 2017

Masp exhibe vídeos da artista norte-americana Tourmaline

Obras audiovisuais retratam personalidades das comunidades negra e LGBTQIA+ dos Estados Unidos, com foco no resgate e ressignificação de suas narrativas

O MASP – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand apresenta, até 23 de junho, *Sala de vídeo: Tourmaline*, com exibição de trabalhos da artista, cineasta, escritora e ativista norte-americana Tourmaline (Roxbury, Massachusetts, 1983). Sua obra destaca manifestações culturais, opressões e modos de sobrevivência das comunidades negra, queer e trans, reescre-

vendo narrativas e histórias dominantes através de citações e referências a importantes figuras da resistência queer dos Estados Unidos, como Marsha P. Johnson – ativista considerada um ícone da revolta de Stonewall.

Com curadoria de Teo Teotonio, assistente curatorial, MASP, a mostra de estreia da artista no Brasil reúne os

trabalhos *Atlanticis a seaofbones* (2017), *Happy Birthday, Marsha!* (2018) e *Salacia* (2019). Ao estabelecer relações entre ficção e realidade, Tourmaline procura reformular crenças e iniciar uma mudança de paradigma com o intuito de imaginar um futuro sem opressões de raça, gênero e sexualidade. “A trilogia percorre passado, presente e futuro em cenários simultaneamente documentais e oníricos. Ao entrelaçar fato e ficção, Tourmaline reimagina criticamente narrativas que foram apagadas ou negligenciadas, confrontando opressão e resiliência em uma abordagem interseccional e poética, onde gênero, raça e classe estão intrinsecamente interligados”, comenta Teotonio.

Em *Atlanticis a seaofbones* [*O Atlântico é um mar de ossos*] (07'28"), Egyptt LaBeija, ativista, performer e

madrinha da House of LaBeija – primeira casa de ballroom da história –, interpreta a si mesma em uma sequência de imagens que transitam entre realidade e sonho. No início, LaBeija olha para um dos píeres do Rio Hudson através da janela do *Whitney Museum of American Art* enquanto comenta sobre sua trajetória. Séculos antes, o mesmo lugar havia sido ponto de chegada de pessoas escravizadas que atravessaram o oceano Atlântico, vindas do centro-oeste africano.

Mary Jones – mulher negra, trans e trabalhadora do sexo que viveu em Nova York na metade do século 19 – foi quem inspirou a produção audiovisual *Salacia* (06'04"). Após sua prisão, em 1836, sob alegação de furto, Jones se tornou conhecida devido a circulação em jornais do seu retrato, intitulado *The Man Monster*

Tourmaline, *Salacia* (frame), 2019





Tourmaline, *Happy Birthday, Marsha!*, (frame), 2018

(*O Homem Monstro*). No filme, a artista recria a história de Jones em Seneca Village – uma comunidade de pessoas negras autônomas que existiu na contramão da escravidão, entre 1825 e 1857, onde atualmente se localiza o Central Park. A produção, ao mesmo tempo, torna visível a trajetória de uma personalidade pouco reconhecida e reflete sobre transfobia e racismo.

Em *Happy Birthday, Marsha!* [*Feliz aniversário, Marsha!*] (14'35"), fragmentos do cotidiano ganham proporções históricas. O vídeo mistura encenações e imagens reais de Marsha P. Johnson (1945-1992), ativista, performer e referência na luta pelos direitos da população pobre e LGBTQIA+. O desfecho da trama se dá no início da Rebelião de Stonewall, evento de resistência à violência policial contra pessoas transgênero, gays e lésbicas, que se tornou um marco na história da militância da comunidade, dando origem ao dia do orgulho LGBTQIA+.

SOBRE TOURMALINE

Tourmaline nasceu em Roxbury, Massachusetts, em 1983. Atualmente, vive e trabalha em Nova York, e participa da *Whitney Biennial 2024*, no *Whitney Museum*

of American Art, em Nova York e da mostra coletiva *Actsof Resistance: Photography, Feminisms and the Art of Protest*, na *South London Gallery*, em Londres. Ao longo de sua carreira, realizou duas exposições individuais no *Mudam Museum of Modern Art*, em Luxemburgo (2023) e *Chapter NY*, em Nova York (2020-2021). Participou da 59ª Bienal de Veneza (2022) e de exposições coletivas na *Tate Modern*, em Londres (2023); *J. Paul Getty Museum*, Los Angeles (2021-2022); *Metropolitan Museum of Art*, Nova York (2021)m, entre outras. Seu trabalho integra o acervo de instituições internacionais como *J. Paul Getty Museum*, *The Metropolitan Museum of Art*, *Museum of Modern Art* e *Tate*.

SERVIÇO

Sala de Vídeo: Tourmaline

Até 23 de junho

MASP – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand
2º subsolo

Avenida Paulista, 1578, Bela Vista, São Paulo / SP

Tel.: (11) 3149-5959

Dias/Horários: terças grátis e primeira quinta-feira do mês grátis; terças, das 10h às 20h (entrada até as 19h); quarta a domingo, das 10h às 18h (entrada até as 17h); fechado às segundas

Agendamento on-line obrigatório pelo link masp.org.br/ingressos

Ingressos: R\$ 70 (inteira); R\$ 35 (meia-entrada)

“SERÁ O BENEDITO?”

Mostra de
Fátima Farkas,
resgata
a memória
das
lutas raciais
no Brasil

Fátima Farkas
Foto: Divulgação



“Tão sinistro quanto a violência que marca as vidas e as mortes de 4,9 milhões de negros escravizados trazidos ao Brasil é o silêncio da história ante toda a herança racista e patriarcal que permanece até os dias de hoje”.

Mauro Trindade, curador



Fátima Farkas, *Luana folhas*

Foto: Divulgação

O Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos (IPN), oficializado recentemente Patrimônio Cultural da cidade do Rio de Janeiro, celebra seus 19 anos com a exposição da artista visual Fátima Farkas *“Será o Benedito?”*, com curadoria de Mauro Trindade.

Com mais de 30 telas, a mostra traz à tona personagens marcantes das lutas raciais, muitos dos quais foram esquecidos devido à herança racista e patriarcal. Farkas utiliza sua pintura expressiva para reconstruir a memória, utilizando-se de retratos fotográficos de negros.

Um exemplo é Benedito Caravelas (1805-1885), também conhecido como Benedito Meia-Légua, líder de grupos quilombolas que libertavam escravos no Nordeste e no Espírito Santo. A artista se inspira em fotografias antigas, como a de Alberto Henschel, para dar vida a esses personagens históricos.

Outros retratos notáveis incluem figuras como João Cândido Felisberto, líder da Revolta da Chibata, Luiz Gama, Nzinga, rainha de Ndongo e de Matamba, e o premiado arquiteto burquinês Diébédó Francis Kéré. Farkas também denuncia o apagamento histórico ao substituir rostos por vegetação ou por um vazio branco, representando o sumiço de corpos e vidas.



Fátima Farkas, *Benedito Meia-Légua*

“Vendo a imagem das folhas voando em volta da minha figura pictórica, penso que sou o sonho de meus ancestrais. Sou uma mulher preta que realizou, estudou, que é remunerada e reconhecida pelo meu trabalho, me locomovo, tenho a liberdade de ir e vir com altivez. O estudo te dá isso. Gerações após gerações de gente corajosa e resiliente me trouxeram até aqui”. – Luana W. Cotrin Negreiros, personagem retratada em três telas na exposição.

Para Mauro Trindade, curador da exposição, Fátima Farkas revela esse processo de apagamento e, numa ação estética e política, propõe uma reelaboração da memória através da apropriação de retratos fotográficos de negros que recria, com beleza e dignidade, grandes personagens do passado e do presente.

Com temas tão relevantes como o esquecimento e a memória, a exposição oferece uma oportunidade especial para uma significativa reflexão sobre essa parte lamentável da história brasileira. O público é ainda recebido com uma fragrância no ar, evocativa de elementos como café, ouro, fumo e cana, que constituíam a rotina da maioria dos escravizados.



Fátima Farkas, *João Cândido Felisberto*

Fotos: Divulgação

“Será o Benedito?” estará em cartaz no Instituto Pretos Novos de 10 de maio até 20 julho. Além de celebrar os 19 anos do IPN, a mostra também marca os 250 anos do sítio do Cemitério dos Pretos Novos, um dos mais importantes vestígios da chegada dos africanos escravizados no Brasil, que funcionou entre 1774 e 1830.

A ARTISTA

Fátima Farkas tem sua origem profissional ligada ao design, migrando depois para as artes visuais. Seu trabalho tem forte ligação a questões brasileiras étnicas e culturais, especialmente do Recôncavo Baiano. Com formação entre o Rio e São Paulo, frequentou a escola do Parque Lage e integra o grupo Contraponto, reunido no ateliê de Sérgio Fingerman.

https://www.instagram.com/fatima_farkas_art?igsh=d3c4bWRqc3ZsODI3

SERVIÇO

“Será o Benedito?” – Fátima Farkas

De 10 de maio a 20 julho

Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos

Rua Pedro Ernesto, 32-34, Gamboa, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: de terça a sexta das 10h às 16h

ARTE NO JARDIM, em Brasília, celebra 50 anos da Revolução dos Cravos de Portugal



Flávio Cerqueira,
*Onde tudo acaba
em mim*, 2021
Foto: Divulgação

De 9 de maio a 17 de outubro, o público pode conferir obras de 11 artistas portugueses e brasileiros na Embaixada de Portugal, em Brasília

“Arte no Jardim” é uma exposição de arte contemporânea instalada nos jardins da Embaixada de Portugal, em Brasília, com obras de artistas portugueses e brasileiros que permeiam diversas linguagens da arte erudita e popular. A mostra celebra os 50 anos da Revolução dos Cravos.

Portugal viveu sob um regime ditatorial por quase 50 anos (de 1926 a 1974) e durante esse período a so-

cidade portuguesa foi marcada por dolorosas memórias de repressão a movimentos operários, controle da imprensa, fortalecimento do patriarcalismo como sistema social, censura e combate a movimentos de libertação em suas colônias africanas.

Em 1974 a insatisfação com o regime ditatorial, a crise econômica e a impopularidade das guerras coloniais na África provocaram um desejo de mudança, dando origem ao Movimento das Forças Armadas. No dia 25 de abril do mesmo ano, a Revolução dos Cravos marcou o fim da ditadura com a restauração da democracia em Portugal.

Ana Vidigal, *Penélope*

Foto: Divulgação



“Arte, Cidadania e Democracia em Língua Portuguesa. Nesse mês de maio podemos assistir o lançamento de uma exposição que junta de um modo muito virtuoso três pilares fundamentais das sociedades brasileira e portuguesa, sob a nossa língua comum. Uma iniciativa que informa, educa e conscientiza pessoas de todas as gerações, lembrando, sempre, os valores que nos inspiram”, comenta Luís Faro Ramos, Embaixador de Portugal no Brasil.

Com curadoria do diretor do CAM – Centro de Arte Moderna Gulbenkian de Lisboa, Benjamin Weil, e de Marcelo Gonczarowska Jorge, representante do Museu de Arte de Brasília, o conjunto de onze obras escolhidas para essa Mostra dialoga com questões e valores da Revolução dos Cravos.

“Ficamos muito felizes de levar a Brasília, pela primeira vez, obras importantes da coleção do CAM – Centro de Arte Moderna Gulbenkian e poder proporcionar a experiência dessas obras ao público brasileiro”, afirma Benjamin Weil. A iniciativa também é comemorada por Marcelo Gonczarowska Jorge. Ele acredita que o encontro do acervo de arte dos dois países permitirá que o público testemunhe um instigante diálogo cultural luso-brasileiro.

Entre os artistas portugueses, a exposição apresenta obras de Pedro Barateiro, Fernanda Fragateiro, Rui Chafes, Ana Vidigal, Luisa Cunha, Paula Rego e Márcio Carvalho. Entre os brasileiros, Cecília Mori, Flávio



Fernanda Fragateiro, *Cadeira de Beira de Estrada*
Foto: Divulgação



Rui Chafes,
Enquanto eu vivia
Foto: Divulgação

Cerqueira e Paulo de Paula, além de José Maria Martínez Zaragoza, espanhol radicado no Brasil.

A exposição – que começa no interior do edifício e se expande pelo jardim da Embaixada – se desenrola em três movimentos.

MEDOS, ASPIRAÇÕES E DESEJOS

O primeiro conjunto de sete obras é dedicado às causas da revolução. Nele os visitantes terão acesso a obras que abordam questões raciais, políticas e sociais, que lidam com temas relevantes para aquele momento histórico e para o atual.

A exposição se inicia na parte interna do edifício com a escultura *“Onde tudo acaba em mim”* de Flávio Cerqueira, artista negro brasileiro cujo trabalho dialoga com questões raciais.

Como parte do mesmo movimento, a obra *“Pénélope”*, da artista portuguesa Ana Vidigal, reúne aerogramas (cartas transportadas sem envelopes por aviões) enviados por seu pai durante as guerras coloniais na África, construindo uma colcha sobre um colchão. No mesmo espaço são apresentadas uma instalação de Rui Chafes e uma serigrafia de Paula Rego, ambos portugueses.

No vão, a *“Cadeira de Beira de Estrada”*, de Fernanda Fragateiro, evoca Lina Bo Bardi e convida a entrar nos jardins, onde a instalação de José Maria Martínez Zaragoza, um conjunto de seis esculturas da Série *Não Matarás*, se vai revelando entre árvores do cerrado.

TENSÕES

O segundo conjunto apresenta três peças que remetem às emoções e tensões relacionadas ao decorrer dos fatos importantes que marcaram os dias 24, 25 e 26 de abril de 1974. A obra sonora *“Senhora!”*, da artista por-



Luísa Cunha, *Senhora!*

Foto: Divulgação

tuguesa Luísa Cunha, abre esse segmento. O trabalho está associado ao papel fundamental que o rádio teve durante o processo, assim como à comunicação velada entre os revolucionários.

A instalação "*Deleitar, Deformar, Devorar*" foi criada especialmente para a exposição pela artista brasileira Cecília Mori. Nessa obra, formada por linhas, nós e emaranhados de elásticos de alfaiataria, o visitante será remetido às tensões, dúvidas e imprevistos surgidos durante a sublevação.

DESPERTAR

A obra do artista português Márcio Carvalho, "*Ecos de liberdade*", encerra este percurso. Trata-se de um trabalho participativo, criado especificamente para a mostra, que remete para os resultados e aspirações do novo regime democrático.

Na instalação composta por uma cabana em meio ao jardim, o público terá acesso a uma biblioteca com diferentes livros sobre temáticas que se envolvem diretamente com a liberdade. A obra é participativa e o objetivo é que o público se aproprie dela e passe a ser o centro do processo artístico.

A exposição é uma iniciativa da Embaixada de Portugal no Brasil, do Camões CCP Brasília, em parceria com o CAM – Centro de Arte Moderna e Museu de Arte de Brasília. Patrocínio: EDP Brasil. Produção: Tuíla arte produção. Realização: Ministério da Cultura.

SERVIÇO

Arte no Jardim

Período de visitação: 9 de maio a 17 de outubro
Embaixada de Portugal

Avenida das Nações, Lote 2, Brasília / DF

Dias/Horários: quintas e sextas, das 11h30 às 16h30;

sábado: primeiro sábado de cada mês: 11h30 às 16h30

Gratuito. É preciso levar documento de identificação para entrar no local

Visitas educativas

Às quartas-feiras, mediante agendamento prévio.

Informações: contato@tuia.art.br

Visitas guiadas para grupos (a partir de 4 pessoas)

Dias e horários agendados previamente.

Informações: ccp-brasil@camoes.mne.pt; e instagram: [camoes_brasil](https://www.instagram.com/camoes_brasil)

ALÔ, AQUI É A YOKO!

Music of The Mind, na Tate Modern, celebra uma artista experimental, ativista e visionária por seus próprios méritos

Texto e Fotos: Maria Hermínia Donato



No fim de semana, durante um jantar entre amigos, surgiu uma discussão sobre a importância da artista Yoko Ono – alguns apontaram o casamento com John Lennon como motivo para a sua grande retrospectiva que acontece na Tate Modern, em Londres.

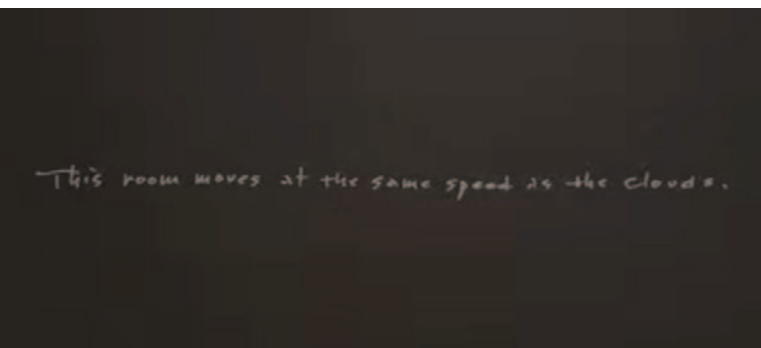
Fato é que antes de conhecer Lennon, Yoko Ono já era respeitada e estabelecida na cena avant-garde de Nova York, com sua abordagem radical, obras conceituais, performances e arte destinada a estimular a imaginação e a participação do espectador. Yoko subverte a relação entre o artista e o público, reconhecendo que o espectador não quer ser apenas um espectador passivo, mas sim ser incluído na arte.

E é o que acontece logo ao entrar na exposição: um telefone toca seis vezes, deixando no ar a dúvida de quem é o celular e quem vai atendê-lo. A voz do outro lado da linha diz: *Alô, aqui é a Yoko!* (*Telephone Piece*, 1964)

Yoko Ono with Glass Hammer, 1967
Foto: Clay Perry / Artwork © Yoko Ono

A retrospectiva, numa cronologia flexível, abrange sete décadas, de 1955 até hoje, e celebra a prática conceitual de Yoko Ono e sua eterna campanha pela paz mundial. O título da mostra – *Music of The Mind* – vem do desejo da artista de estimular a imaginação e o som da mente, onde, segundo ela, as coisas se expandem e ultrapassam o tempo.

Na parede a frase “*This room moves at the same speed as clouds*” (*esta sala se move à velocidade das nuvens*), escrita com a letra da artista, talvez seja uma referência ao período em que os Estados Unidos bombardearam Tóquio, durante a Segunda Guerra Mundial. Na época com 12 anos, Yoko e o irmão foram evacuados para o campo, aonde deitavam na grama olhando para céu e escapavam em sua imaginação.



Lighting Piece (1955), obra apresentada na exposição *Works of Yoko Ono* em Tóquio, é um concerto onde o som é inaudível, realizado no escuro para provocar a imaginação da audiência. Eventualmente, vislumbres de luz são percebidos através de fósforos acesos e tochas, criando uma experiência sensorial única.

Em 1960, Ono alugou um loft na 112 Chambers Street com o compositor La Monte Young, onde organizavam eventos para figuras do avant-garde, entre as quais, Marcel Duchamp, Isamu Noguchi, John Cage e David Tudor. As performances realizadas em Chambers Street foram precursoras do Movimento Fluxus criado por George Maciunas em Nova York. O movimento, que se declarou contra o objeto artístico tradicional como mercadoria, foi sendo reconhecido como um fórum de experimentação ou laboratório artístico manifestado nas mais diversas formas de arte.

Em *Bag Piece* (1964), uma ou mais pessoas entram em sacos de pano pretos e realizam atividades dentro deles. Os movimentos criam esculturas em constante mudanças. O participante – invisível para os espectadores – se sente seguro num ambiente semelhante a um casulo, e a interação com a obra é intensa: durante a minha visita, adolescentes se divertiam às gargalhadas criando uma atmosfera lúdica na galeria.



Bag Piece, 1964



Cut Piece, 1964

Em 1964, Yoko Ono estreou no Japão uma de suas obras mais emblemáticas, *Cut Piece*, também apresentada em Nova York, Londres e Paris. No vídeo da performance, a artista está sentada imóvel esperando que membros da plateia subam ao palco, peguem uma tesoura e cortem pedaços de suas melhores roupas, numa atitude puritana de oferecer o melhor que se pode dar ao outro. Yoko, como o objeto, é vulnerável, mas também causa indignação, discussão e agressão. Para mim, a performance se assemelha a rituais da cultura japonesa.

Cut Piece é vista como um ato feminista contra a violência masculina às mulheres, e antecede por uma década a performance *Rhythm 0* de Marina Abramovic, na qual o público era convidado a fazer com ela o que quisesse, usando um dos 72 objetos que a própria artista colocou sobre uma mesa. Yoko declara que, em 2003, quando *Cut Piece* foi apresentada em Paris, o protesto era contra o ageísmo, racismo, sexismo e violência.

Em 1964, ela publicou o livro *Grapefruit* com mais de 200 instruções divididas em cinco seções: Música, Pin-

tura, Evento, Poesia e Objeto. As instruções oferecem variadas formas de realização – performances, filme, pintura e esculturas:

Painting to Shake Hands, 1961 (*painting for cowards*) – faça um buraco na tela, por de trás da tela coloque sua mão e receba seus convidados nessa posição;

Shadow Piece, 1963 – desenhe na tela sua própria sombra ou de outra pessoa e junte as sombras até que elas se tornem uma;

Jogo de Xadrez Branco, 1966 – jogue enquanto você puder se lembrar aonde estão as suas peças.

E há instruções realizadas apenas com a mente:

Collecting Pieces, 1963 – colete em sua mente sons que ouviu ao longo da semana. Repita mentalmente, em ordens diferentes, numa tarde.

Para Yoko, a grapefruit, fruta que é uma mistura entre limão e laranja, representa a sua identidade como um espírito híbrido, nunca se sentindo completamente em casa, nem no Japão nem nos EUA.



Capacetes (Pedacos de Céu), 2001



Jogo de Xadrez Branco, 1966



Filme Nº 4 – *Bottoms*, 1966

O humor marca presença na obra de Yoko Ono e pode ser observado no Filme Nº 4 – *Bottoms*, 1966, onde ela exhibe 200 nádegas famosas de artistas. As imagens são misturadas com entrevistas de Ono à imprensa britânica. A instrução ligada a esta obra sugere “amarrar nádegas juntas no lugar de assinaturas para uma petição pela paz”.

Ono e Lennon também promoveram a paz utilizando técnicas de publicidade e propaganda através da mídia, *WAR IS OVER! IF YOU WANT IT (guerra está acabada! se você quiser)* 1969, distribuído globalmente por meio de outdoors, cartazes, cartões postais e anúncios.

Em março de 1969, o casal realizou o filme “*Bed-in for peace*” no hotel Amsterdam Hilton, permanecendo na cama por uma semana para promover a paz e declarar o absoluto inconformismo com a guerra no Vietnã. Na Tate, a maioria das pessoas que assistiam ao filme tinha mais de 50 anos; os jovens, por sua vez, lotavam as galerias documentando a arte conceitual da artista.

O filme *Fly*, produzido em 1970/1, explora as estruturas de poder e a opressão das mulheres, através da imagem de uma mosca andando sobre corpo de uma mulher, do dedo do pé à cabeça, voando depois para fora da janela.

Helmets Pieces of Sky, 2001, traz capacetes militares como peças de quebra-cabeça, com a seguinte instrução: “*pegue um pedaço do céu*”. O céu contido na imagem das peças do quebra cabeça seria, para a artista, um símbolo esperançoso: mesmo com as peças dispersas (cada pessoa pega uma) elas sugerem a possibilidade da cura através da ação ou pensamento coletivo.

É difícil afirmar que Lennon “prejudicou” sua carreira. Aos 90 anos Yoko Ono continua ousada, forte, visionária em busca da paz e de um mundo melhor.

SERVIÇO

Yoko Ono: Music of The Mind

Até 1º de setembro

Tate Modern

<https://www.tate.org.uk/whats-on/tate-modern/yoko-ono>



Foto: Lally Zwetzh

Walter Lima Jr. é tema da mostra
*“EM CIMA DA TERRA, EMBAIXO DO CÉU
OS CINEMAS DE WALTER LIMA JR.”*,
na CAIXA Cultural Rio de Janeiro

Um dos mais importantes cineastas brasileiros, Walter Lima Jr., 85 anos de vida e 60 de carreira, segue em atividade. Para comemorar essa longa trajetória, ele recebe a retrospectiva *“Em cima da terra, embaixo do céu – Os cinemas de Walter Lima Jr.”* na CAIXA Cultural Rio de Janeiro, até 19 de maio. Serão exibidos documentários, curtas, médias e longas-metragens, além de debate e oficina com o homenageado, curso com o diretor de fotografia Pedro Farkas e bate-papos. O evento, que conta com patrocínio da CAIXA e do Go-

verno Federal, será gratuito com retirada de senhas 30 minutos antes de cada exibição e atividade programada. A programação está em <https://www.caixacultural.gov.br/Paginas/Programacao.aspx?idEvento=1614>.

Apaixonado por cinema desde a infância, o cineasta brasileiro passou por diferentes gêneros, formatos e temas ao longo de seus 60 anos de carreira – iniciados oficialmente a partir do convite de Glauber Rocha para assumir a assistência de direção no filme *“Deus e o*

Diabo na Terra do Sol", em 1963. A partir de então, Walter avançaria em filmografia própria.

A mostra *"Em Cima da Terra, Embaixo do Céu – Os Cíntemas de Walter Lima Jr."* busca celebrar, em vida, a trajetória premiada do cineasta, que se diz contente em ter uma retrospectiva desta grandeza. *"Fiz os filmes para as pessoas se sentirem parte daquilo, e para trazer cultura, conhecimento. Isso comprova que fiz a minha parte. A mostra traz um conjunto de filmes e é bom ver este enfoque para poder fazer uma avaliação da obra em si. É uma panorâmica intensa, variada, de vários caminhos, várias direções"*, avalia o diretor.

A obra de Walter Lima Jr. vibra em brasilidade. Já em seu primeiro longa-metragem, *"Menino de Engenho"* (1965), adapta a escrita de José Lins do Rego celebrando a beleza rural com ecos do pioneiro (e ídolo) Humberto Mauro. Passeia pelo Carnaval de rua em *"A Lira do Delírio"* (1978), abraça lendas folclóricas em *"Ele, o Boto"* (1987), revisita o passado histórico do país com *"Inocência"* (1983), *"Chico Rei"* (1985), *"Através da Sombra"* (2015), celebra a Bossa Nova com *"Os Desafinados"* (2008).

A curadoria, composta pelos realizadores Gregory Baltz e Kaio Caiazzo, coloca uma lupa em seus filmes, dos mais aclamados às obras menos conhecidas. É o caso, por exemplo, do documentário de média-metragem que dá nome à mostra. *"Em Cima da Terra, Embaixo do Céu"* é um filme de 40 minutos feito em 1982, sobre os limites da solidariedade em comunidades pobres do Rio e de Curitiba – obra desconhecida do grande público, e parte do acervo de Walter. A mostra será a



Walter do Brasil, still

oportunidade de revisitar em tela grande obras marcantes e “desaparecidas” como *"Brasil Ano 2000"* (1968), *"Na Boca da Noite"* (1970), *"Joana Angélica"* (1979) e *"Uma Casa para Pelé"* (1992).

"Muitos dos filmes não estavam disponíveis em streamings ou mesmo em DVDs. Redescobrir a obra de Walter e celebrar isso em vida ficou sendo a nossa missão", ressalta Kaio.

Walter Lima Jr. é um dos diretores mais premiados do Brasil. Urso de Prata no Festival de Berlim por *"Brasil Ano 2000"*, Prêmio Cinema D’Avennir no Festival de Veneza por *"A Ostra e o Vento"*, Prêmio Air France e Festival de Havana por *"Inocência"*, e muitos outros do circuito brasileiro.

O homenageado conta que cada projeto tem sua importância. *"O momento mais feliz foi quando vi meu primeiro filme pronto, por exemplo. E gosto muito de um filme, particularmente, ‘Os Desafinados’, que é um testemunho de vida. Vivi aquelas coisas que estão*

sendo contadas no filme. Mas também tem 'A Lira em delírio', 'Inocência'. Posso dizer que me sinto muito próximo dos filmes que fiz. E os filmes dizem isso: os ciclos da vida, encontros e desencontros", diz.

"Foram muitos os diretores cultuados que só conseguiam agradar aos prêmios e festivais. Também muitos os nomes que conseguiam encher as salas, porém esnobados pela crítica. Walter está no centro: seu cinema tem a proeza de equilibrar os dois lados num saldo mais que positivo", ressalta Gregory Baltz.

ATIVIDADES PARALELAS

A mostra conta com atividades extras gratuitas (com retirada de ingressos a partir de 30 minutos antes de cada sessão e atividade programada).

Debate "O Brasil no cinema de Walter Lima Jr."

3 de maio, com o crítico Ricardo Cota, o pesquisador Fabio Velozo e o músico Wagner Tiso

O encontro será logo após a exibição de *"A Ostra e o Vento"*. Em pauta a representação do Brasil no cinema produzido por Walter Lima Jr. O olhar diverso do cineasta sobre o país, seu povo, sua história, sua cultura.

Oficina de atores com Walter Lima Jr.

7 de maio – 13h30. Walter Lima Jr. dará uma oficina aplicando exercícios e apresentando bases de criação para o ator e diretor no cinema no ambiente de produção de filmes. *Duração: 4 horas.*

Bate-papos

10 de maio – Encontro com os atores Othon Bastos e Antônio Pitanga, logo após a exibição de *"Chico Rei"*

11 de maio – Encontro com a atriz e produtora Virginia Cavendish, logo após a exibição de *"Através da Sombra"*

15 de maio – Encontro com o cineasta Walter Lima Jr, logo após a exibição de *"Ele, o Boto"*

Sessão com Interpretação em Libras

14 de maio, 15h30, *A Ostra e o Vento*

Curso "A fotografia no cinema de Walter Lima Jr"

18 de maio – 13h30, com Pedro Farkas. *Duração: 2 horas*
No curso, Pedro Farkas falará sobre sua experiência ao fotografar os filmes de Walter Lima Jr. ao longo de 40 anos de parceria. Filmes como *"Inocência"*, a primeira parceria dos dois, e obras mais recentes como *"Os Desafinados"* e *"Através da Sombra"*, serão analisadas pelo fotógrafo.

SINOPSES E CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA

Menino de Engenho (1965) – 110 min (Livre)

Na Paraíba da década de 1920, um menino é enviado para morar com alguns parentes em uma plantação de cana de açúcar após perder a mãe. Sua adaptação acaba sendo difícil e dolorosa.

Brasil Ano 2000 (1969) – 95 min (18 anos)

Uma mãe e dois filhos caminham por uma estrada rumo ao norte do Brasil e pegam carona com um caminhoneiro até uma cidade desconhecida. Ao chegarem na cidade, conhecem um

pesquisador que lhes propõe se passarem por índios. No povoado, os habitantes se preparam para a chegada do general que vai inaugurar uma base de foguetes.

Na Boca da Noite (1971) – 68 min (18 anos)

Um bancário resolve assaltar o banco onde trabalha como uma forma de reparar a sua juventude perdida. Na noite da execução do crime, ele encontra um faxineiro com quem estabelece uma relação tensa que mudará tudo.

Conversa com Cascudo (1977) – 30 min (Livre)

O etnólogo e folclorista Luís da Câmara Cascudo surpreendido em seu cotidiano – junto à família e aos amigos, cercado do canto dos pássaros e dos objetos de estimação que colecionou – fala dos primórdios de sua carreira e de como se interessou pelas pesquisas folclóricas.

A Lira do Delírio (1978) – 105 min (16 anos)



A Lira do Delírio, *still*

No intervalo entre dois carnavais de um bloco de Niterói, Ness Elliot se envolve com um rico e ciumento amante. Para submetê-la à sua vontade, ele tenta os mais diversos artifícios, como a tentativa de transformá-la em uma traficante e o sequestro de seu bebê. Desesperada, ela procura ajuda de antigos companheiros do bloco carnavalesco Lira do Delírio.

Joana Angélica (1979) – 58 min (10 anos)

A história da religiosa concepcionista baiana, nascida no Brasil colônia, que morreu defendendo o Convento da Lapa em Salvador (Bahia) contra soldados portugueses.

Em Cima da Terra, Embaixo do Céu (1981) – 41 min (10 anos)

Nas favelas do Rio de Janeiro e nas regiões periféricas de Curitiba (Paraná), a câmera acompanha o esforço dos grupos mais pobres da população para criar soluções espontâneas de habitação.



Em cima da Terra, Embaixo do Céu, *still*

Inocência (1983) – 118 min (12 anos)

No século XIX, uma garota do interior é seduzida por um jovem médico que está tratando-a e também está hospedado em sua casa por alguns dias. Ela tenta esconder o romance proibido de seu pai que desaprova o relacionamento.

Chico Rei (1985) – 115 min (16 anos)

Em meados do século XVIII, Galanga, rei do Congo, é aprisionado e vendido como escravo. Trazido da África num navio negreiro, recebe o nome de Chico Rei e vai trabalhar nas minas de ouro de um desafeto do governador de Vila Rica. Escondendo pepitas no corpo e nos cabelos, Galanga habilita-se a comprar sua alforria e, após a desgraça do seu ex-senhor, adquire a mina Encardideira, tornando-se o primeiro negro proprietário. Rico, ele associa-se a uma irmandade para ajudar outros negros a comprarem a liberdade.

Ele, o Boto (1987) – 108 min (16 anos)

Segundo uma lenda amazônica, todo mês, durante a lua cheia, uma vila de pescadores brasileira recebe um convidado misterioso: o Boto – que se transforma em humano para seduzir, ser amado pelas mulheres e odiado pelos homens. Uma de suas conquistas é a filha de um pescador, que tem um filho com o Boto. Constantemente, o Boto reaparece para seduzi-la e, mesmo quando ela se casa, ele continua a procurando. Isto provoca a ira do marido que deseja matá-lo de qualquer jeito.



Menino de Engenho, *still*

Ele, o Boto, *still*

Mestre Joaquim Pedro (1988) – 60 min (10 anos)

O cineasta Joaquim Pedro de Andrade (1932-1988) foi um dos

maiores amigos de Walter Lima Júnior no meio cinematográfico carioca. Imediatamente após a sua morte, Walter realizou este documentário-tributo, onde passa em revista a obra e as ideias de Joaquim. Tomando por base um longo depoimento do diretor à jornalista Helena Salem para a série 90 Anos de Cinema Brasileiro, o programa apresenta cenas selecionadas de todos os seus filmes e depoimentos de colegas, colaboradores, parentes e amigos.

Uma Casa para Pelé (1992) – 60 min (10 anos)

Pelé, habitante das ruas, é mostrado no seu cotidiano a partir do momento em que ganha uma casa. A mudança que ocorre em sua vida é documentada.

David Neves: O Cinema dos Meus Olhos (1994)**56 min (10 anos)**

Em entrevista a Walter Lima Júnior, o cineasta David Neves apresenta a sua lista de cenas favoritas do cinema – uma verdadeira antologia de cinéfilo comentada. Algumas delas: a conversa no trem em São Bernardo, de Leon Hirszman; a chegada da máquina desnatadeira em A Linha Geral, de Eisenstein; o diálogo de Um Apólogo, de Humberto Mauro; a apresentação do samba de Grande Otelo a Ângela Maria em Rio Zona Norte, de Nelson Pereira dos Santos; a sequência final de As Noites de Cabíria, de Federico Fellini.

Wagner Tiso: A Música dos Meus Olhos (1994) – 77 min (Livre)

Estruturado em duas partes, o programa é na verdade uma conversa entre Walter Lima Jr. e Wagner Tiso, onde o cineasta e o compositor se encontram num prazer comum: relacionar imagens e música ao sabor da emoção. Na primeira parte, rememoram as trilhas sonoras que os marcaram e influenciaram. Na segunda, comentam as trilhas de Tiso para filmes como *Inocência*, *Ele, o Boto* (ambos de Walter) e *O Grande Mentecapto*, de Oswaldo Caldeira.

O Monge e a Filha do Carrasco (1995) – 96 min (14 anos)

No século XVIII, Benedicta sofre por ser filha do carrasco local. Recém-chegado, o monge Ambrosius se apaixona pela moça, provocando a insatisfação dos superiores e do filho de um poderoso aristocrata.

A Ostra e o Vento (1997) – 112 min (12 anos)

A jovem Marcela vive com seu pai, o faroleiro José, e o velho Daniel em uma ilha. O único contato da menina com o mundo exterior é com uma embarcação de quatro marinheiros. Na adolescência, Marcela passa a sentir sua sexualidade e seus anseios de viver de forma mais intensa.

Walter.doc (2000) – 55 min (Livre)

A vida e obra de Walter Lima Júnior.

Thomaz Farkas, brasileiro (2003) – curta-metragem (Livre)

Documentário sobre o fotógrafo húngaro, um expoente da história do documentário brasileiro.

Diante do Espelho (2004) – curta-metragem (Livre)

Walter Lima Júnior criou a ficção Rei Lear com o ator Matheus Nachtergaele.

Os Desafinados (2009) – 140 min (12 anos)

Na década de 60, Joaquim, Dico, Davi e PC são jovens músicos e compositores, que partem para Nova York em busca de sucesso. Em Nova York, eles formam um grupo chamado “Os Desafinados” e integram o movimento que lançou a Bossa Nova. Ao longo dos anos, eles acompanham o cenário político e musical do Brasil.

Através da Sombra (2016) – 104 min (14 anos)

A tímida Laura é contratada por um homem rico para cuidar de seus dois sobrinhos órfãos que moram em uma fazenda de plantação de café. Apesar de não se dar muito bem com o campo,

ela aceita a tarefa e logo estabelece uma amizade com a pequena Elisa – enquanto seu irmão é enviado a um internato por razões desconhecidas. Aos poucos, com a presença dos escravos e da governanta Geraldina, Laura tem a impressão de que alguns segredos se escondem naquela casa.



Através da Sombra, set

SERVIÇO

***“Em cima da terra, embaixo do céu
Os cinemas de Walter Lima Jr.”***

Até 19 de maio

CAIXA Cultural Rio de Janeiro – Unidade Passeio

Rua do Passeio, 38, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Acesso para pessoas com deficiência

Entrada Gratuita

Horários da bilheteria: terça a sábado, 13h às 19h,
domingos e feriados, 13h às 17h

Programação:

<https://www.caixacultural.gov.br/Paginas/Programacao.aspx?idEvento=1614>

Retirada de ingressos a partir de 30 minutos antes
de cada sessão e atividade programada

Informações: (21) 3980-2069 / 2019



Festival Internacional Pequeno Cineasta apresenta cerca de 80 filmes feitos por crianças do Brasil e do exterior

*Chegando a sua 10ª edição, evento que acontece de 1º a 19 de maio
no Rio de Janeiro, terá mostra paralela, pela primeira vez,
em São Paulo, no ABC Paulista*

Mostrar o mundo através do cinema pelo olhar da infância e da juventude. Essa é a principal premissa do Festival Internacional Pequeno Cineasta (FIPC), que chega a sua 10ª edição, com patrocínio do Banco do Brasil, trazendo um panorama da produção audiovisual nacional e internacional criada exclusivamente por crianças e jovens, entre 8 e 17 anos. Pela primeira vez, o evento, que sempre aconteceu no Rio de Janeiro, aporta

em Santo André, São Paulo, no Teatro Conchita de Moraes, nos dias 11 e 12 de maio, com curtas-metragens de todos os gêneros (ficção, documentário e animação) e uma oficina de cinema. A programação é gratuita.

Desde que foi criado, em 2010, o FIPC já exibiu 1.500 filmes, de 44 países, alcançando um público estimado de 45 mil pessoas. Assumindo mais uma vez seu com-



O pátio da escola, *still*

promisso com a diversidade e a representatividade cultural, ao todo, o FIPC apresenta cerca de 80 títulos, vindos de diversos países, como Bélgica, Cabo Verde, Coreia, Espanha, Estônia, Grécia, Itália, Portugal, Argentina, Índia, Polônia, Canadá, Ucrânia, e de diversas partes do país, como Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Bahia, São Paulo, Distrito Federal e Rio de Janeiro, que tratam sobre os principais temas da infância e da juventude sob a perspectiva de quem as está vivenciando.

“O grande diferencial do Festival Pequeno Cineasta é que não são adultos falando sobre as crianças e jovens. São eles falando sobre eles e do que consideram importante naquele momento. Isso faz com que a cada edição tenhamos um olhar atualizado sobre as questões que norteiam essas importantes fases da vida”, diz a cineasta e produtora Daniela Gracindo, idealizadora do festival.

A experiência do isolamento forçado por conta da Covid-19, por exemplo, é um dos temas abordados, especialmente nas produções infantis, mostrando os impactos que a pandemia trouxe para essa faixa etária. Outras questões como solidão, relação intergeracional, cultura, povos originários e respeito à diversidade, seja de gênero, raça ou religião também se destacam em diversos filmes.

“A seleção apresenta um panorama da vida, da cultura e das preocupações das crianças de hoje, nos mais diferentes tipos de família, classe social e países. Além desses temas, também observamos muitas histórias de aventura, mistério, fantasia e thrillers de terror”, conta Luciana Bessa, coordenadora pedagógica do festival.

MOSTRAS

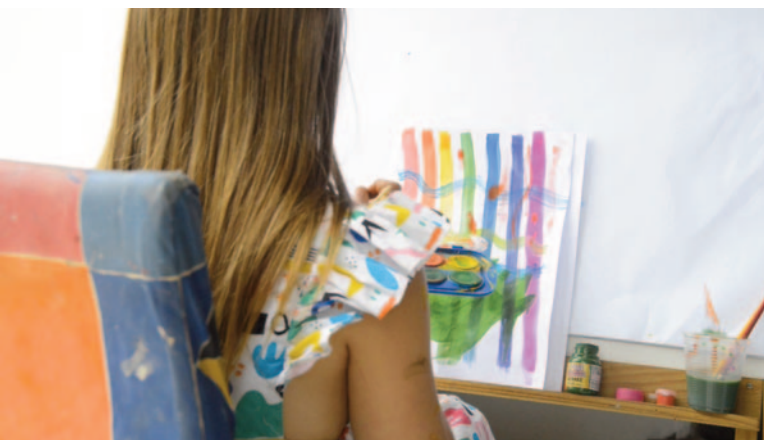
As mostras competitivas acontecem paralelamente no Rio e em São Paulo e são divididas em quatro categorias: *Nacional e Internacional Criança* (8 a 12 anos); *Nacional e Internacional Jovem* (13 a 17 anos). Ao fim de cada sessão, o público (apenas crianças de 8 a 17 anos) pode votar em seu preferido em cada uma delas. Além do Júri Popular, os filmes também são analisados por um Júri Oficial. Os vencedores em cada categoria levam para casa um troféu e uma claquete profissional da Kodak.

Além da exibição de filmes, o festival vai promover a *“Oficina Claquete”*, voltada para crianças e jovens entre 10 e 17 anos. Ministrada pela diretora geral do FIPC, os alunos têm a oportunidade de conhecer os conceitos básicos da linguagem cinematográfica e as principais funções de uma equipe de cinema, através da experiência de realizar uma cena. O trabalho realizado pelo grupo será disponibilizado aos integrantes posteriormente em arquivo digital. A entrada é gratuita mediante distribuição de senha uma hora antes do evento e sujeita a lotação de até 10 alunos por ordem de chegada. Quem quiser, pode fazer a inscrição a partir de 1º de maio através do site oficial do evento <http://www.pequenocineasta.com.br/>

Fora da competição, o público pode conferir ainda a *Mostra Oficina Pequeno Cineasta*, que inclui os filmes realizados por pequenos cineastas de Santo André e da Oficina Claquete.



Vaggelis e a campeã, *still*



Todas as cores do arco-íris, *still*

No Rio de Janeiro, o festival acontece de 1º a 19 de maio de 2024, ocupando paralelamente o Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro, no Centro; o Instituto Cervantes, em Botafogo; o Museu do Meio

Ambiente do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, no Jardim Botânico; e a Arena Dicró, na Penha.

PEQUENO CINEASTA NA ESCOLA

Com intuito de ampliar a participação das crianças e jovens de todo o Brasil, o FIPC criou uma plataforma virtual que permite acesso gratuito à sua programação para todas as escolas públicas e privadas do país. Através do sistema, os alunos podem assistir às mostras competitivas e participar da votação do júri popular sem sair da sala de aula.

Com a iniciativa, além de fomentar a formação de plateias, o festival busca democratizar o acesso à cultura e promover o debate sobre temas atuais dentro de sala através do cinema. Na última edição presencial, em 2019, o evento contou com a participação de 82 instituições de ensino, totalizando 11.500 crianças e jovens participando ativamente do Júri Popular. As instituições de ensino interessadas poderão se inscrever por meio desse link: <http://fipc.pequenocineasta.com.br>

PROGRAMAÇÃO 10º FIPC em SANTO ANDRÉ

Teatro Conchita de Moraes

Praça Rui Barbosa, 12, Santa Teresinha, Santo André / SP
Lotação: 214 lugares

Dia 11 de maio – sábado

10:00 às 13:00 – Oficina Claquete

16:00 às 16:50 – Mostra Oficina Pequeno Cineasta I

17:00 às 17:50 – Mostra Competitiva Internacional Criança

18:00 às 18:50 – Mostra Oficina Pequeno Cineasta II

19:00 às 19:50 – Mostra Competitiva Internacional Jovem

Dia 12 de maio – domingo

10:00 às 13:00 – Oficina Claquete

15:00 às 17:00 – Mostra Oficina Pequeno Cineasta Criança

17:00 às 18:00 – Mostra Competitiva Nacional Criança

18:00 às 19:00 – Mostra Oficina Pequeno Cineasta Jovem

19:00 às 20:00 – Mostra Competitiva Nacional Jovem

Sessões em exibição:

Mostras não competitivas Oficina Pequeno Cineasta

Exibição de filmes realizados nas Oficinas Pequeno Cineasta entre os anos de 2021 e 2024.

Mostra Competitiva Nacional – Categoria Criança

Exibição de curtas de todos os gêneros, realizados por crianças de diferentes estados do Brasil, entre 8 e 12 anos.

Mostra Competitiva Nacional – Categoria Jovem

Exibição de curtas de todos os gêneros, realizados por jovens de diferentes estados do Brasil, entre 13 até 17 anos.

Mostra Competitiva Internacionalacional

Categoria Criança

Exibição de curtas de todos os gêneros, realizados por crianças de diversos países, entre 8 e 12 anos.

Mostra Competitiva Internacional – Categoria Jovem

Exibição de curtas de todos os gêneros, realizados por jovens de diversos países entre 13 e 17 anos

A programação é gratuita e sujeita à lotação da casa.

Oficina Claquete

Com três horas de duração, os participantes conhecem os conceitos básicos da linguagem cinematográfica por meio da realização de uma cena.

Datas e horários: 11 e 12 de maio, das 10h às 13h

Local: Teatro Conchita de Moraes

Praça Rui Barbosa, 12, Santa Teresinha, Santo André

Recomendação etária: a partir de 10 anos*

Limite de Vagas: 10 participantes por turma

Informação e inscrições: pequenocineasta.com.br/claquete_santoandre

A oficina é gratuita e sujeita ao número de vagas.

*No domingo de 12 de maio, a Oficina Claquete, excepcionalmente, irá convidar as mães para participarem das Oficinas com seus filhos.



Suur Toll, still



Hutch, still

Arte

Cultura

Gastronomia
& Bebidas

Turismo

Comportamento

*Aqui você só encontra
notícias boas*

OXIGÊNIO
revista

Seus clientes
ou sua empresa
têm boas notícias
para dar?

Então o lugar é aqui.

ANUNCIE.

Solicite nosso Mídia Kit.

oxigeniorevistabr@gmail.com

(21) 3807-6497 / 97326-6868